ISSN - 2184-7045

REVISTA da Casa de Goa

II Série - Número 4 - Mai/Jun 2020

II Series - Issue 4 - Mai/Jun 2020

Ficha Técnica

II Série, Número 4, Maio - Junho 2020

Diretor
Vasco Soares da Veiga

Conselho Editorial
José Filipe Monteiro
Luis Pereira da Silva
Valentino Viegas

Colaboradores Residentes
Celina Velho e Almeida (Goa)
Francisco da Purificação Monteiro (Portugal)
Mário Viegas (Portugal)
Óscar de Noronha (Goa)

Colaboram neste número
Adelino Rodrigues da Costa
Celina Velho e Almeida
Francisco da Purificação Monteiro
José Filipe Monteiro
Luís Pereira da Silva
Mário Viegas
Óscar de Noronha
Óscar Gomes da Silva
Valentino Viegas

Publicação bimestral (seis números por ano), versão em PDF, disponível online

Design/Diagramação
Juliano Martins Mariano

Assistente Editorial
Juliano Martins Mariano
Calçada do Livramento, 17, 1350-188 Lisboa.
Tel. 21 393 00 78 / 915 057 477
E-mail: casadegoa@sapo.pt
www.casadegoa.org

@ Direitos de propriedade reservados à Casa de Goa.
ISSN 2184-7045

Sucede aos números anteriores de (ordem alfabética) Boletim da Casa de Goa, Boletim Informativo, DEKH, Goa, Newsletter e Revista da Casa de Goa, publicados entre 1989 e 2019.

Publicidade comercial - contacto: casadegoa@sapo.pt

Capa: Cruzeiro próximo à igreja de São Diogo em Guirim (Fotografia de Adelino Rodrigues da Costa, cortesia do autor)

Technical Datasheet

II Series, Issue 4, May - June 2020

Director
Vasco Soares da Veiga

Editorial Board
José Filipe Monteiro
Luis Pereira da Silva
Valentino Viegas

Resident Contributors
Celina Velho e Almeida (Goa)
Francisco da Purificação Monteiro (Portugal)
Mário Viegas (Portugal)
Óscar de Noronha (Goa)

Contributed to this issue
Adelino Rodrigues da Costa
Celina Velho e Almeida
Francisco da Purificação Monteiro
José Filipe Monteiro
Luís Pereira da Silva
Mário Viegas
Óscar de Noronha
Óscar Gomes da Silva
Valentino Viegas

Bimonthly publication (six issues per year), PDF version, available online

Design/Diagramming
Juliano Martins Mariano

Editorial Assistant
Juliano Martins Mariano
Calçada do Livramento, 17, 1350-188 Lisbon.
Tel. 21 393 00 78 / 915 057 477
E-mail: casadegoa@sapo.pt
www.casadegoa.org

@ Copyright, Casa de Goa
ISSN 2184-7045

This publication follows previous issues of (alphabetic order) Boletim da Casa de Goa, Boletim Informativo, DEKH, Goa, Newsletter, and Revista da Casa de Goa, published between 1989 and 2019.

Commercial advertising - contact to: casadegoa@sapo.pt

Cover: Cruzeiro close to the St. Diogo Church in Guirim (Photograph by Adelino Rodrigues da Costa, courtesy of the autor)

NORMAS EDITORIAIS

A Revista da Casa de Goa é o órgão oficial da Casa de Goa.

Contém secções regulares abaixo indicadas, nas quais os artigos podem ter limite máximo de palavras e figuras.

1.Capa

2.Conteúdo

2.1.Editorial

2.2.Secções

2.2.1. Artigo Original (limite de 4000 palavras e 6 figuras)

2.2.2. Goeses ilustres (limite de 2500 palavras e 4 figuras)

2.2.3. Opinião e Crónica (limite de 1500 palavras)

2.2.4. Personalidades (limite de 2500 palavras e 4 figuras)

2.2.5. Entrevista (limite de 2500 palavras e 4 figuras)

2.2.6. Carta ao Diretor (limite de 400 palavras e 1 figura)

2.2.7. Noticiário (limite de 250 palavras e 1 figura por notícia)

Normas de publicação

Os artigos submetidos devem versar temas relacionados com investigação, preservação e divulgação da identidade cultural de Goa, Damão e Diu.

Os artigos são submetidos a publicação ao Diretor e enviados por correio eletrónico para casadegoa@sapo.pt

Língua de publicação: a revista é bilingue – são aceites artigos em português (novo acordo ortográfico opcional) e inglês; o Conselho Editorial reserva-se o direito de rever aspetos formais, nomeadamente o português e o inglês.

Se algum artigo de fundo exceder o limite de palavras, poderá ser publicado em partes, em números consecutivos da Revista.

Os artigos devem conter um Resumo (português) e Abstract (inglês) com limite de 150 palavras, respetivamente, excetuando artigos com menos de 1500 palavras. Se o autor não estiver à vontade para escrever em ambos idiomas, a Revista compromete-se a traduzir no idioma diferente ao da versão integral do artigo.

Todos os artigos submetidos são sujeitos à apreciação pelo Conselho Editorial, podendo ser aceites sem alterações, sujeitos a alterações sugeridas, ou não aceites.

Publicidade comercial paga

Distribuição e divulgação: distribuída por correio eletrónico aos sócios da Casa de Goa, associações de goeses da diáspora e jornais em Goa. A revista é de livre acesso e de divulgação livre.

NEWSLETTER

Será publicada sem periodicidade regular, intercalar aos números regulares, de acordo com a oportunidade e necessidade de divulgação mais urgente de conteúdos, quer pela Casa de Goa, quer por instituições afins.

EDITORIAL INSTRUCTIONS

The Revista da Casa de Goa is the official magazine of Casa de Goa.

It contains regular sections below, in which articles may have a limit of words and pictures.

1.Cover

2.Content

2.1.Editorial

2.2.Sections

2.2.1. Original Article (word limit 4000, maximum six figures)

2.2.2. Outstanding Goans (word limit 2500, maximum four figures)

2.2.3. Opinion and Chronicle (word limit 1500)

2.2.4. Personalities (word limit 2500, maximum four figures)

2.2.5. Interview (word limit 2500, maximum four figures)

2.2.6. Letter to the Director (word limit 400, maximum one figure)

2.2.7. News (word limit 250, maximum one figure per new)

Publication Norms

Submitted articles should address topics related to research, preservation and dissemination of the cultural identity of Goa, Damão and Diu.

Articles are submitted for publication to the Director and sent by email to casadegoa@sapo.pt

Language of publication: The magazine is bilingual - articles are accepted in Portuguese (new spelling agreement is optional) and English; The Editorial Board reserves the right to review formal aspects, namely Portuguese and English.

If a feature article exceeds the word limit, it may be published in parts, in consecutive issues of Revista da Casa de Goa.

Articles must contain Resumo (Portuguese) and Abstract (English) with a limit of 150 words, respectively, with expception of articles with less than 1500 words. If the author is not comfortable writing in both languages, the Revista da Casa de Goa makes the commitment to translate to the different language from the full version of the article.

All submitted articles are subject to review by the Editorial Board and may be accepted without changes, suggest changes, or not accept.

Commercial Publicity paid

Distribution and dissemination: distributed by e-mail to members of Casa de Goa, Goa Diaspora, associations and newspapers in Goa. The magazine is open access and free to be shared.

NEWSLETTER

It will be published without regular periodicity, in between the regular issues, according to the opportunity and need for more urgent information, either by Casa de Goa or by related institutions.

ÍNDICE | TABLE OF CONTENTS

Página
Page

EDITORIAL - *José Filipe Monteiro* **5-6**

- *Luís Pereira da Silva* **7-8**

ARTIGOS ORIGINAIS | ORIGINAL ARTICLES

Os cruzeiros e as cruzes de goa como expressões da arte popular | Cruzeiros and crosses in Goa as expressions of popular art – *Adelino Rodrigues da Costa* **9-17**

Traditions in Goa: The Ladaínhas | Tradições em Goa: as ladaínhas - *Celina Velho e Almeida* **18-22**

Endemias, epidemias e pandemias em Goa | Endemics, epidemics and pandemics in Goa – *José Filipe Monteiro* **23-31**

Caminho de Ferro de Mormugão | The Mormugão Railway – *Francisco da Purificação Monteiro* **32-38**

PERSONALIDADE | PERSONALITY

Propércia Correia Afonso - *Francisco da Purificação Monteiro* **39-40**

Teotónio Rosário de Souza – *Valentino Viegas* **41-42**

ENTREVISTA | INTERVIEW

Entrevista ao Dr. Carlos Monjardino | Inteview to Dr. Carlos Monjardino – *Óscar de Noronha* **43-47**

CONTO | SHORT STORY

Na Foz do Sandalcalo, uma história de Amor | At the mouth of the Sandalcalo river, a story of love - *Óscar Gomes da Silva* **48-50**

CARTAS AO DIRETOR | LETTERS TO DIRECTOR

Uma dor de alma | A pain in the soul - *Valentino Viegas* **51**

«Raízes da Minha Terra» | «Raízes da Minha Terra» – *Mário Viegas* **52**

José Filipe Monteiro

Editor Associado

Associate Editor

A MEMÓRIA E A IDENTIDADE CULTURAL:
Relevância Do Passado Em Direcção Ao Futuro

Nas mais recentes publicações da nossa revista, temos dado particular ênfase às crónicas e artigos que versam sobre o passado, longínquo ou mais recente, da nossa história. Não por saudosismo nostálgico, mas, fundamentalmente, por irmos ao encontro dos estatutos da nossa associação, que tem como desígnio a promoção de acções conducentes à preservação da identidade da cultura de Goa, Damão e Diu. E também por acreditarmos que é através da memória que se constrói a identidade

E, para sustentarmos a nossa opinião, socorremo-nos do parecer dos mais reputados mestres nesta matéria: o nexo entre a memória e a identidade.

Assim, no parecer do sociólogo austríaco Michael Pollack, "a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade social, tanto individual como colectiva, na medida em que ela é também um factor extremamente importante do sentimento de continuidade de coerência, de uma pessoa ou de um grupo, em sua reconstrução de si".

Por sua vez, para os antropólogos italianos Ugo Fabieti e Vincenzo Matera, a memória colectiva tem uma base de recordações e estas, situam-se sempre em relação à um determinado tempo e espaço. No entender destes autores, "na perspectiva da memória enquanto selecção e reconstrução do passado, a identidade, inegavelmente ligada à memória, deve ser considerada como uma construção cultural. Neste enquadramento, a memória enquanto sede dos processos de selecção, remoção, interpretação, elaboração das heranças do passado pode ser entendida como uma memória que

MEMORY AND CULTURAL IDENTITY:
RELEVANCE OF THE PAST TOWARDS THE FUTURE

In the more recent issues of our magazine, we have given emphasis to the chronicles and articles that talk about the, distant or recent, past of our history. Not out of reminiscence of nostalgia but to have a rendezvous with the statutes of our institution, whose purpose is to promote actions to preserve the cultural identity of Goa, Damão and Diu. And, because we do believe that it is through the memory that we build our identity.

To support our assumption, we availed the postulates of the most reputed masters of this matter: the nexus between memory and identity.

According to Michael Pollack, an Austrian sociologist, "the memory is a constituent element of the feeling of social identity, individual as well as collective, to the extent that it is also an extremely important factor of feeling of continuity of coherence, of a single person or a congregation, in his reconstruction of himself."

On the other hand, for the Italian anthropologists Ugo Fabieti and Vincenzo Matera, the collective memory has a basis of remembrances, which are always related to a certain time and place. In the opinion of these authors, "in the perspective of the memory, while a selection and reconstruction of the past, the identity, undeniably linked to the memory, should be considered as a cultural concept. Thus, the memory, while a seat of the processes of selection, removal, interpretation and elaboration of the legacies of the past, can be understood as a memory which aims to maintain, cohesive and united, a group, a community, a society or a nation, so long as the individuals feel that they are part of a whole, of a common feeling."

In this short review about identity and the memory, also for the Spanish psychologist Alberto Rosa, there is no

visa manter o grupo, a comunidade, a sociedade ou a nação coesa e unida, assim que os indivíduos se sintam parte de um todo, de um sentir comum".

Nesta breve resenha sobre a identidade e a memória, também para o psicólogo espanhol Alberto Rosa, não há identidade sem memória, uma afirmação válida individual e colectivamente.

É neste contexto que se inserem os objectivos da nossa revista. Os conteúdos, versam, na sua grande maioria, a memória de uma sociedade através da sua história, dos seus monumentos, dos seus rituais, das obras literárias dos seus escritores e de tantas outras manifestações e expressões de actividades sociais, económicas e culturais, entre outras.

Ao divulgar o nosso passado, através da nossa memória individual, não queremos exprimir o nosso enraizamento nostálgico ao passado, mas antes a sua dimensão enquanto ponto de partida em direção ao futuro.

Este é nosso compromisso, não só perante os nossos associados, mas diante de todos os goeses, que pugnam pela Goanidade.

Neste número, são diversos os temas que merecem uma leitura atenta; desde a geografia da paisagem aos aspectos culturais, passando pelas grandes obras públicas, investigação sanitária e pela vida e obra dos goeses que deram um contributo inestimável para o conhecimento da nossa terra.

Por último, quero mais uma vez enfatizar que a revista está aberta a todos os associados, e não só, para que com a sua escrita contribuam para o conhecimento e a divulgação da nossa identidade cultural.

identity without memory, an assertion valid individually and collectively.

It is this context that are inserted the aims of our magazine. The contents, in most of the cases, deal with the memory of a society through its history, of its monuments, its rituals, literary works of its writers and so many other manifestation and expressions of social, economic and cultural, among other, activities.

Despite not being the only way to preserve the memory of a society, history, together with the monuments, the rituals, literary and artistic works and other cultural activities are various forms to represent the past and prepare the future.

While disclosing our past, through our magazine, we do not wish to express our nostalgic rootedness of the past but its dimension, as a starting point, towards the future.

This is our unconditional commitment, not only towards our members, but towards all the goans who fight for the Goanity.

In this issue, there are various themes that deserve a careful reading; from the landscape geography to the cultural aspects, major public works, health research, life and work of goans who gave a priceless contribution for the knowledge of our land.

Finally, I would like to emphasize once more that our magazine is open not only to our associates but to each and everyone who, through their writings, wish to contribute to preserve and spread our cultural identity.

Luís Pereira da Silva

Editor Associado

Associate Editor

A MEMÓRIA E A IDENTIDADE CULTURAL:

Perspetiva de um filho da diáspora

Tenho 64 anos, nasci e cresci em Moçambique. Depois da sua descolonização em 1974, vim viver para Lisboa; como cidadão do mundo, sinto-me genuinamente português.

Os meus quatro avós nasceram em Goa. Cresci a ouvir histórias e vivências de Goa, contadas com alegria e emoção por familiares e amigos. Nas suas tertúlias, aprendi a gostar das melodias do folclore de Goa e rapidamente a culinária goesa passou a ser a minha favorita. Quando cheguei a Lisboa com 19 anos, aproximei-me de amigos que tinham deixado o torrão natal nas décadas de 60 e 70 e fortaleceram a minha aproximação a Goa. Na minha primeira visita à terra dos meus antepassados, ainda jovem solteiro, tive uma sensação de déja vu quando ouvi as gralhas, as folhas dos coqueiros ao vento, respirei na atmosfera húmida os cheiros inconfundíveis das especiarias e a terra molhada. Fiquei atónito com a forma tão afetuosa como fui abraçado pelos parentes próximos e mais afastados. Senti-me, porém, frustrado por não saber uma palavra em Concani, mas vim com o coração cheio. Daí ter regressado, por mais de uma vez, com mulher e filhos.

Enquanto jovem, eu confiava que Goa fosse o cofre seguro da sua cultura, onde a culinária tinha identidade própria, havia asseio nas povoações, as diferentes religiões conviviam com respeito mútuo e a maneira de ser do goês – sussegad – era uma marca, ao estar divorciada do stress e em harmonia com a natureza. Acima de tudo, nada ameaçaria o Concani como língua mãe de Goa, sabendo-se que uma língua constitui a identidade de um povo, muitas vezes de uma nação.

Em Portugal, constato que cada ano que passa há menos goeses que deixaram a sua terra natal há décadas longínquas. Hoje, estes estarão mais velhos do que eu,

MEMORY AND CULTURAL IDENTITY

THE PERSPECTIVE OF A SON OF DIASPORA

I am 64 years old; I was born and grew up in Mozambique. After decolonization of Portuguese colonies in 1974, I moved and settled in Lisbon; as a citizen of the world, I feel genuinely Portuguese.

My four grandparents were born in Goa. I grew up listening to stories and experiences from Goa, told with joy and emotion by family and friends. In family parties, I learned to appreciate Goan folklore melodies and quickly the Goan cuisine became my favorite. When I arrived in Lisbon at the age of 19, I became close friend of Goans who had left their homeland in the 60s and 70s and they strengthened my emotional connection to Goa. On my first trip to the land of my ancestors, still a young bachelor, I had a feeling of deja vu when I heard the sound of crows and the coconut leaves rustling in the wind, breathed in the humid atmosphere the unique smells of spices and wet soil. I was astonished by the warm hug of my close and distant relatives. However, I felt frustrated of not knowing a single word in Konkani, but I returned with a full heart. This prompted my other returns, now already with wife and children.

While I was young, I was confident that Goa was the safe deposit of its culture, where the cuisine had its own identity, the villages were clean, the different religions coexisted with mutual respect and the Goan way of living - sussegad - was a mark, being divorced from stress and in harmony with nature. More important, nothing would threaten the Konkani as the mother tongue of Goa, being well known that a language constitutes the identity of a people, often of a nation.

In Portugal, I find that each year that passes there are fewer Goans who left their homeland decades ago. Today, these Goans are probably still older than I am with 64 years, and others unfortunately have passed away. This

que já tenho 64, e outros infelizmente já terão partido. Isto significa que já são raros esses guardiães capazes de transmitir a cultura goesa na primeira pessoa. O mesmo ocorrerá na diáspora goesa de outros países da Europa, da América, da África e da Austrália. Se tal cultura e costumes foram transmitidos com sucesso a alguns vindouros, para a maioria dos filhos e netos da diáspora Goa já pouco ou nada dirá. É este o preço inexorável da diáspora.

O que é realmente alarmante, é que em Goa cada vez mais predomina população imigrante que aflui de outros estados da Índia. Sem uma politica e vontade ativa de preservação, a cultura goesa de que aqui falamos irá irreversivelmente diluir-se na bruma do tempo. Progressivamente, o concani será menos falado e todo o património cultural do Goês atual irá rareando e será substituído por outro bem distinto. A esta dinâmica, acrescem ameaças que têm atentado contra a cultura atual de Goa. A propósito, sugiro a leitura do artigo de António Gomes publicado no número anterior (II Série, Nº 3, Mar-Abr 2020, pp. 8-12); infelizmente só o Abstract está em inglês, o que o torna a versão integral deste artigo referência inacessível à maioria dos goeses. Voltando à diáspora, que referência em Goa sobejará para os descendentes dos goeses emigrados, espalhados pelo mundo?

Como Editor Associado, sinto que a prioridade da Revista da Casa de Goa é contribuir para preservar a identidade cultural de Goa a partir de depoimentos e material histórico contados na primeira pessoa ou baseados em documentos pessoais únicos. Se não divulgados hoje, tal memória irá perder-se quando os autores deixarem de estar disponíveis. Para que tal repositório tenha qualidade, é importante que esteja assente em bibliografia que confira credibilidade e possa, inclusive, vir a ser útil a académicos.

A par da preservação da memória, a Revista da Casa de Goa está ávida por artigos sobre a atualidade em Goa e a vivência atual dos goeses da diáspora. Por isso, a II Série desta edição passou a ser bilingue, acolhendo de bom-grado artigos em inglês ou em português com tradução conjunta, para que a leitura seja acessível não só em Portugal, mas sobretudo em Goa e na diáspora. A nossa ambição é incluir como Colaboradores Residentes, autores desses pontos geográficos, assim como amigos de Goa, que alimentem esta edição com o envio regular de artigos.

Almejamos que a Revista da Casa de Goa dê voz a todos os goeses e amigos de Goa, espalhados pelo mundo, quaisquer que sejam as suas opiniões e sensibilidades.

means that these guardians of Goan culture capable of transmitting it in the first voice are already rare. The same will happen in the Goan diaspora in other countries throughout Europe, America, Africa and Australia. While such culture has been successfully transmitted to next generations, most of the children and grandchildren of the diaspora will currently feel little or nothing regarding Goa. This is the inexorable price of the diaspora.

What is alarming is that immigrants from other states in India now prevail in Goa and will predominate even more. Without a policy and an active will for preservation, the Goan culture we are talking about will irreversibly dilute over time. Progressively, the Konkani will be less talked and the ancestral cultural heritage of the current Goan citizens will rarify and be replaced by a different one. In addition to these dynamics, there are threats that have attacked the contemporary culture of Goa. By the way, I suggest reading the article by António Gomes published in the previous number (II Série, Nº 3, Mar-Apr 2020, pp. 8-12); unfortunately, only the Abstract is in English, which makes the full version of this reference article inaccessible to most Goans. Returning to the diaspora, which reference in Goa will be left for the descendants of Goan emigrants around the world?

As Associate Editor, I feel that the priority of the Revista da Casa de Goa is to contribute to preserving the cultural identity of Goa based on testimonies told in the first person and on unique personal documents. If not published today, that memory will be lost when the authors are no longer available. For such a repository to have quality, it is important to be backed by a bibliography conferring reliability that may even be useful to academics.

While preserving the memory, the Revista da Casa de Goa is also eager for articles about the current situation in Goa and about actual current experiences of Goans in the diaspora. For this reason, the II Series of this edition has become bilingual, welcoming articles in English or in Portuguese with joint translation, so that reading become accessible not only in Portugal, but especially in Goa and the diaspora. Our ambition is to include as Resident Contributors, authors of these geographic points, as well as friends from Goa, to contribute regularly with their articles.

We hope that the Revista da Casa de Goa will give voice to all Goans and friends of Goa, all over the world, whatever their opinions and sensitivities.

Os Cruzeiros e as Cruzes de Goa Como expressões da Arte Popular

CRUZEIROS AND CROSSES IN GOA AS EXPRESSIONS OF POPULAR ART

por ***Adelino Rodrigues da Costa***

Oficial da Marinha (ref.)
Antigo Delegado da Fundação Oriente na Índia

Naval Officer (rtd)
Former Delegate of Fundação Oriente in India

Resumo

Espalhados pelo território de Goa, sobretudo nas Velhas Conquistas, existem milhares de cruzeiros e cruzes nascidos da religiosidade do povo, mas que também são verdadeiras expressões da arte popular. Muitos deles estão à vista nos adros das igrejas, nas esquinas das aldeias e na berma das estradas, mas muitos outros estão escondidos em lugares improváveis, no meio das várzeas ou na margem dos rios. Cada um deles é uma quase obra de arte e costuma dizer-se que, em Goa "não há dois cruzeiros iguais". O visitante atento deslumbra-se com a criatividade e com a estética dos cruzeiros de Goa.

Abstract

Spread across the territory of Goa, especially in the Old Conquests, are thousands of crosses created by the religiosity of the people, but which are also true expressions of popular art. Many of them are visible in churchyards, at the corners of villages and on the side of the roads, while many others are hidden in unlikely places like in the middle of the floodplains or by the riverside. Each of them is almost a work of art and it is often said that in Goa "no two crosses are the same". The attentive visitor is dazzled by the aesthetics and creativity of Goa's crosses.

No território de Goa, sobretudo nas regiões tradicionalmente conhecidas por Velhas Conquistas, a paisagem natural é dominada pelo mar e por extensos areais, por rios e canais, por verdejantes arrozais, manchas de coqueiros e cajueiros, enquanto na paisagem

In the territory of Goa, especially in the regions traditionally known as Velhas Conquistas (Old Conquests), the natural landscape is dominated by the sea and extensive sands, rivers and canals, green rice paddies, patches of coconut and cashew trees, while

humanizada dessas áreas se destacam as torres brancas das igrejas. Este é o retrato mais normalizado de Goa, embora esse quadro venha sendo alterado pelos sinais de progresso dos últimos anos, sobretudo a construção desordenada, as novas rodovias monumentais, o trânsito frenético e os incontáveis painéis publicitários que se encontram por todo o lado e, por isso, essa paisagem só se consegue descortinar mais claramente quando se sai dos centros urbanos e se percorrem as estradas secundárias de Salcete e de Bardez.

Porém, há um outro aspecto peculiar da paisagem goesa que nos é oferecido pelos inúmeros cruzeiros ou cruzes que se encontram nos adros das igrejas, nas esquinas e nos largos das aldeias, à beira das estradas e nas margens dos rios, nos outeiros e nas várzeas e, cada vez mais, no interior das povoações e no pátio das casas. É difícil encontrar um local no território das Velhas Conquistas, urbano ou rural, onde não se destaque a presença de uma cruz que, tal como acontece com o tulôss hindu, um pequeno arbusto sagrado que cresce numa peanha colocada em frente das casas, identifica a crença religiosa dos goeses e, quase sempre, se integra harmoniosamente na paisagem.

Os cruzeiros e as cruzes (crosses), nas diferentes formas que assumiram ao longo do tempo, apareceram em Goa provavelmente em meados do século XVI, associados à cristianização e às suas práticas, quer por iniciativa das entidades religiosas que os colocavam nos adros das igrejas, quer por iniciativa individual ou da comunidade para o cumprimento de promessas, para reconhecer e agradecer benesses divinas ou como forma de assinalar acontecimentos importantes na vida religiosa das comunidades. Porém, a origem desta tradição religiosa ainda não está estudada e são muito escassas as referências ao seu aparecimento, mas em A Índia Portugueza, um livro clássico publicado em 1886 por António Lopes Mendes, os cruzeiros aparecem representados em cerca de duas dezenas de gravuras, significando que já então integravam a paisagem cultural goesa.

in the populated landscape of these areas stand the white towers of churches. This is the most recognizable portrait of Goa, although this picture has been altered by the signs of progress in recent years, with disorderly constructions, the new monumental highways, the frantic traffic and the countless advertising panels that are found everywhere. Therefore, this landscape can only be seen more clearly when leaving the urban centers and crossing through secondary roads of Salcete and Bardez.

There is, however, another peculiar aspect of the Goan landscape that is offered to us by the countless crosses that are found in churchyards, at corners and in the village squares, by the roadside and on the banks of rivers, on the hills and in the floodplains and, increasingly, inside the villages and in the courtyards of houses. It is difficult to find a place in the territory of Velhas Conquistas, urban or rural, where the presence of a cross, like that of the Hindu tulsi, [a small sacred shrub that grows on a pedestal placed in front of their houses] that identifies the religious beliefs of Goans, yet almost always, integrates harmoniously into the landscape.

Cruzeiros (crosses atop a pedestal) and crosses, in the different forms they took over time, appeared in Goa probably in the middle of the 16th century and were associated with Christianization and its practices, either on the initiative of the religious entities that placed them in the churchyard, or by individual or community initiatives to fulfill promises, to recognize and give thanks for divine blessings, or even as a way to mark important events in the religious life of communities. However, the origin of this religious tradition is not yet studied and there are very few references to its appearance. However, in A Índia Portugueza, a classic book published in 1886 by António Lopes Mendes, the cruzeiros appear represented in about two dozen engravings, which prove that they were already part of the Goan cultural landscape.

O tema dos cruzeiros e das cruzes de Goa tem sido referido em alguns textos literários e académicos, mas afigura-se-nos que ainda não foi investigado na sua imensa diversidade. Por isso, aqui ensaiamos uma tipologia de classificação simples, em que são considerados quatro tipos principais, conforme se localizam nos espaços religiosos ou fora deles, mas também quanto à sua concepção arquitectónica.

Os cruzeiros das igrejas (piazza crosses), que se encontram nos adros das igrejas ou nas suas proximidades, constituídos por um pedestal monumental habitualmente com secções quadradas, octogonais ou circulares sobrepostas, sobre os quais assenta uma cruz de pedra, de madeira ou de ferro (Figura 1).

The theme of Goa's crosses has been mentioned in some literary and academic texts, but it seems that it has not yet been investigated in its immense diversity. Therefore, here we will attempt a simple classification, in which four main types are considered, as they are located in religious spaces or outside them, but also in terms of their architectural design.The cruzeiros of the churches (piazza crosses), which are found in the churchyard or in its surroundings, consisting of a monumental pedestal usually with overlapping square, octagonal or circular sections, on which rests a stone, wooden or iron cross (Figure 1).

Figure 1. Cruzeiros de igreja | Cruzeiros of the churches

Os cruzeiros dos caminhos (wayside crosses), que habitualmente se encontram fora dos espaços religiosos, com formas muito mais simples e mais variadas do que os cruzeiros das igrejas. Em alguns casos são cruzeiros singelos, que constam de uma cruz colocada sobre um pedestal de pedra ou de cimento e que se encontram um pouco por toda a parte, sobretudo nas bermas das estradas, nas margens dos rios, à beira-mar, nas várzeas e nos outeiros mais distantes ou mais isolados (Figura 2); noutros casos, as cruzes ou os crucifixos encimam pequenos santuários (wayside shrines) delimitados por uma cercadura e cobertos ou não por um simples telhado, onde por vezes se abriga um oratório com imagens

The cruzeiros and crosses (wayside crosses) are usually found outside religious spaces, with much simpler and more varied forms than the church ones. In some cases they only consist of a cross placed on a stone or cement pedestal and are found everywhere, especially by the roadside, on the banks of the river or by the sea, in the floodplains and on the more distant or isolated hills (Figure 2); in other cases, the crosses or crucifixes surmount small shrines (wayside shrines) which are delimited by a border and covered or not by a simple roof, where sometimes an oratory with religious images is seen, located above road level (Figure 3); in other cases, the crosses are reduced to the simplicity of small oratories or niches inserted in

Figure 2. Cruzeiros singelos | Simple Cruzeiros

Figure 3. Cruzes em santuários | Crosses in wayside shrines

Figure 4. Cruzes em oratórios e nichos | Crosses in oratories or niches

Figure 5. Orações e colares de flores | Prayers and flower necklaces

religiosas, localizando-se sobretudo nas bermas das estradas (Figura 3); em outros casos, ainda, as cruzes são reduzidas à simplicidade de pequenos oratórios ou nichos inseridos nas paredes exteriores das casas ou em locais conspícuos nas ruas dos centros urbanos onde, em dias de festividade religiosa, se reúnem os moradores ou os familiares daquela casa para rezar e cantar as ladainhas (Figura 4).

Todas estas cruzes que têm formas muito diversas, são expressões da religiosidade goesa e exemplos de grande criatividade artística e, por vezes, são também uma marca denunciadora das várias influências que moldaram a cultura goesa, como sucede com as cruzes

the outer walls of houses or in conspicuous places on the streets in urban centers where, on days of religious festivity, the residents or relatives of that house gather to pray and sing the ladainhas (Figure 4).

All of these crosses, which have very different shapes, are expressions of Goan religiosity and examples of great artistic creativity. At times, they are also a mark of the various influences that have shaped Goan culture, as is the case with the Indo-Syrian crosses of Christians from São Tomé or the Portuguese crosses of the Ordem de Cristo, or even some with pagan influences.

indo-sírias dos cristãos de São Tomé ou as cruzes de origem portuguesa da Ordem de Cristo, ou até, com algumas influências pagãs.

Muitos cruzeiros e cruzes perderam o seu significado religioso original por razões diversas, mas muitos outros tornaram-se locais de culto que se têm conservado ao longo do tempo, com a realização de missas e ladainhas ao fim da tarde, por vezes acompanhadas por um ou dois violinos, a colocação de colares de flores, de velas ou de oferendas ou, simplesmente, como local de reflexão e de oração. É frequente verem-se grupos de pessoas em oração, assim como muitas pessoas que estacionam os seus automóveis ou motociclos quando passam e que, durante alguns minutos rezam, indiferentes ao tráfego rodoviário que passa a escassa distância. Outras pessoas depositam colares de flores nas cruzes em sinal de gratidão para com a divindade, seguramente uma prática de inspiração hindu, o que pode ser observado em muitos locais e, em particular, na contínua peregrinação de gente de todas as condições sociais e até de diferentes religiões, que é atraída pela Holy Cross de Bambolim, um dos mais venerados cruzeiros de Goa (Figura 5).

Os cruzeiros das igrejas são geralmente contemporâneos da própria igreja e foram detalhadamente estudados nos seus aspectos ornamentais e religiosos pelo falecido Professor José Pereira da Fordham University de Nova Iorque, sendo considerados como obras de uma original arquitectura de síntese, pois integram elementos decorativos cristãos e hindus, uns adaptados das igrejas (as cruzes) e outros inspirados nos templos (as colunas). Geralmente, estes cruzeiros estão bem conservados por iniciativa das paróquias, pois são limpos, beneficiados e pintados com regularidade, sobretudo depois da época da monção.

Os cruzeiros dos caminhos resultam da iniciativa das comunidades ou das pessoas singulares e têm uma concepção arquitectónica peculiar com uma

While many cruzeiros and crosses have lost their original religious significance for different reasons, many others have become places of worship that have been preserved over time, with the celebration of evening masses and litanies, sometimes accompanied by one or two violins, the placing of flower garlands, candles or offerings, or simply as a place for reflection and prayer. It is common to see groups of people in prayer, as well as many passers-by who park their cars or motorcycles and stop for a few minutes to pray, indifferent to the road traffic a short distance away. Other people leave flower garlands on the crosses as a sign of gratitude to the divinity, certainly a practice of Hindu inspiration. This can be observed in many places as in the continuous pilgrimage of people from all social strata and even from different religions, who are drawn to the Holy Cross of Bambolim, one of the most revered crosses in Goa (Photos: 5).

The cruzeiros or piazza crosses are usually contemporary with the church itself and were studied in detail for their ornamental and religious aspects by the late Professor José Pereira of Fordham University in New York. Considered as works of an original architectural syntesis, they integrate Christian and Hindu decorative elements, some adapted from the churches (the crosses) and others inspired by the temples (the columns). Generally, these crosses are well preserved at the initiative of the parishes as they are cleaned, maintained and painted regularly, especially after the monsoon season.

The wayside crosses are the result of the initiative of communities or individuals and have a peculiar architectural design with enormous creative inspiration, constituting true expressions of popular art. Although time and progress have destroyed many of the oldest and many others abandoned in the floodplains and hills farther away, these crosses have multiplied in more recent times, especially since emigrants from the Gulf began to build homes in Goa. They expressed their religiosity, taking advantage of

enorme inspiração criativa, constituindo verdadeiras expressões da arte popular. Embora o tempo e o progresso tenham destruído muitos dos mais antigos e, muitos outros, tenham sido deixados ao abandono nas várzeas e nas colinas mais distantes, estes cruzeiros multiplicaram-se nos tempos mais recentes, sobretudo desde que os emigrantes do Golfo começaram a construir em Goa e a exprimir a sua religiosidade, aproveitando as novas técnicas de construção e a possibilidade de acesso a novos materiais, de que resultam engenhosas soluções para os cruzeiros ou cruzes das suas aldeias ou das suas casas.

Actualmente, o número de cruzeiros ou cruzes dispersos pelo território de Goa será certamente de alguns milhares e, muitos deles, continuam a manter o seu valor simbólico e a atrair a devoção de cristãos e até mesmo de hindus. Porém, uma onda de vandalismo e de profanação de origem não identificada, que aconteceu em Julho de 2017 em várias localidades na área de Salcete, veio criar algum alarme social e despertar os goeses para a defesa e conservação deste seu património.

Tal como sucede com as janelas de carepas, os cruzeiros e as cruzes também foram adoptados como ex-libris de Goa e têm sido escolhidos por autores e artistas goeses, quer como tema ilustrativo das capas dos seus livros, quer como tema central da sua obra artística, como aconteceu com o saudoso Mário de Miranda.

São muitos os autores que se referem aos cruzeiros nos livros de memórias da sua infância passada nas aldeias de Goa, como sucede com Olivinho Gomes em Chandor e com Ângelo Pereira em Sangolda. Mas, outros autores, como Maurice Hall, Manohar Malgonkar ou Saryu Doshy, que escreveram obras de referência sobre o panorama cultural goês, também se referem aos cruzeiros de Goa e dedicam alguma atenção à sua singularidade estética.

new construction techniques and the possibility of access to new materials, which resulted in ingenious solutions for such crosses in their villages or homes.

Currently, the number of crosses scattered throughout the territory of Goa will certainly be a few thousand, and many of them continue to maintain their symbolic value and attract the devotion of Christians and even Hindus. However, a wave of vandalism and desecration of crosses of unidentified origin, which occurred in July 2017 at various locations in the Salcete area, created some social alarm and awakened Goans for the defense and conservation of this heritage.

As with the carepas windows, these crosses were also adopted as ex-libris of Goa and have been chosen by Goan authors and artists, both as an illustrative theme for the covers of their books and as a central theme in their artistic work, as happened with the late Mário de Miranda.

Many authors refer to crosses in memoirs of their childhood spent in the villages of Goa, as is the case with Olivinho Gomes in Chandor and Ângelo Pereira in Sangolda. But other authors, such as Maurice Hall, Manohar Malgonkar or Saryu Doshi, who have written reference works on the Goan cultural panorama, also refer to Goa's crosses and pay some attention to their aesthetic uniqueness.

In summary, it is customary to hear that in Goa "no two crosses are the same" which in fact, seems to be so. The thousands of cruzeiros and crosses scattered throughout the territory, in addition to their religious significance, are a characteristic element of the Goan landscape and an eloquent testimony of a refined expression of popular art, reflected in the originality of each construction and in the diversity of shapes and of the materials used.

Em síntese, é costume ouvir dizer que em Goa "não há dois cruzeiros iguais" e, de facto, parece ser assim. Os milhares de cruzeiros e cruzes dispersos por todo o território, para além do seu significado religioso, são um elemento característico da paisagem goesa e um eloquente testemunho de uma apurada expressão da arte popular, traduzida na originalidade de cada construção e na diversidade de formas e dos materiais utilizados.

Nota: As fotografias que ilustram este texto foram captadas pelo autor em diversos locais de Goa, designadamente em Pangim, Velha Goa, Divar, Mapuça, Sancoale, Cortalim, Reis Magos, Verém, Porvorim, Loutolim e Bambolim.

Note: *The photos that illustrate this text were captured by the author in several locations in Goa, namely in Pangim, Velha Goa, Divar, Mapuça, Sancoale, Cortalim, Reis Magos, Verém, Porvorim, Loutolim and Bambolim.*

Nota biográfica do autor

Oficial de Marinha, antigo professor da Escola Naval e do Instituto Superior Naval de Guerra. Sociólogo (ISCSP), Economista (ISEG), Mestre em Sociologia da Cultura (ISCTE) e Mestre em História Marítima (FLUL). Membro Emérito da Academia de Marinha. Antigo Delegado da Fundação Oriente na Índia (1998-2000 e 2009-2010).

Referências | References

Gomes, Olivinho, Village Goa (A Study of Goan Social Structure and Change), S. Chand & Company Ltd, New Delhi, 1996.
Hall, Maurice, Window on Goa - A History and Guide, 2nd edition, Quiller Press, London, 1995.

Mendes, A. Lopes Mendes, A Índia Portugueza, edição facsimilada da edição de 1886, Lisboa, Fundação Oriente, 1992.

Pereira, José, Baroque Goa - The Architecture of Portuguese India, New Delhi, Books & Books, 1995.

Baroque India - The Neo-Roman religious architecture of South Asia: a global stylistic survey, New Delhi, Indira Gandhi National Centre for the Arts and Aryan Books International, 2000.

Traditions in Goa: The Ladaínhas

TRADIÇÕES EM GOA: AS LADAINHAS

by ***Celina Velho e Almeida***

Master in Arts and Education. Goa and Bombay/Mumbai University.

Bacharel em Pedagogia e Letras, Mestre em Português e Pedagogia, pelas Universidades de Goa e Bombaim/Mumbai.

Abstract
Ladaínhas in Goa are an intrinsic part of the Goan Christian soul. Brought by the Portuguese missionaries it prevailed till today not only in this radiant land but voyaged with the Goan Diaspora across the seas and settled in illimitable spaces in the world.

Resumo
As Ladaínhas são uma parte intrínseca da alma cristã de Goa. Levadas pelos missionários portugueses tem prevalecido até aos nossos dias, não somente nesta terra radiosa, mas também, através da diáspora que sulcou os mares, nos mais diversos recantos do mundo.

The family roots

My first awakening to the Ladaínhas in Goa was during my growing years, when I used to spend summer holidays at my maternal grandparent's palatial house in Utordá, South Goa.

At the end of the day, when all daily work had come to a terminus, after all the oil lamps were lit and placed in various corners and on the tables of the house , the family gathered, sometimes in the oratório of the house and other times in the private chapel, to recite the Rosary and the Ladaínha. The gathering not only comprised the family members but also the employees.

My grandfather would lead the prayers and we, the assembly, would answer in chorus the part that was constant. Every Friday, the Rosary of the Sacred Heart would be recited which was followed by the Ladaínhas of the Sacred Heart in Latin which would be Kyrie eleison…….Christe eleison… Cor Jesus Filii Patris aeterni and the answer would be miserere nobis and it concluded with Agnus Dei, qui tollis pecatta mundi and answer would be miserere nobis, Domine ….

Today, I wonder, except for my grandfather, how many of us understood the implications of the prayers in Latin, yet… we prayed. Other days of the week, the Rosary of Our Lady would be recited in Konkani and the recitation of the Ladainha of Our Lady would be in Latin to which out reply would be Ora pronobis . These were private or individual Ladainhas, as they were recited within the walls of the house.

The public ladaínhas

In the months of May and October, catholic people, of every ward in the villages of Goa, recite the Rosary and sing the Ladainhas near the crosses, which can be found on the road side, on the hills, in the middle of the paddy plantations, in a small embankment, in the squares near the churches and on the beaches. The cruzeiros are also transformed as public altars where this religious practice is followed. These are public Ladainhas sometimes sung in Latin or in Konkani.

Figure 1. Thanksgiving Ladaínha in Sanguém taluka. (Courtesy of *O Heraldo*)

Profusely decorated with flowers, candles, creepers, leaves, the cross is veiled behind this flora.

Today, the immigration of young Goans to faraway lands has reduced not only the numbers in the assembly for the public Ladainhas but also the age of the people attending it. We have a large old population left behind on whom lies the onus of continuing the traditions.

Origins and meaning

Ladainhas, is essentially a series of invocations and prayers entreating or laudatory, very short in nature. These invocations could be prayed or sung by the person who is the president of the ceremony and the prayers which are not changeable are repeated or sung by the assembly."[1]

My article deals mainly with the Ladainhas in honour of Our Lady although there may be a brief mention of other Ladainhas.

We do not know till date the origin of the Ladainhas in homage to Our Lady. Are they Portuguese? Have they originated in the world colonized by the Portuguese? The Libraries in Portugal, like the National Library, the Torre de Tombo and many others abound in manuscripts of Ladainhas prayed in Portugal or its colonies, but none tell us its origin.

Martins, Mário SJ explains to us that pagan litanies are much older than the Portuguese Ladainhas. The Greek pagans used to plead certain prayers in the form of litanies especially in the ceremonies of Isís and of Zeus Sosípolis[2]

Many liturgists, according to Martins Mário SJ, have done a comparative study of the pagan and the Christian litanies and they have come to the conclusion that the catholic world has inherited from the Greeks and the Romans the style of the Litany or Ladainha that is recited or sung today. Incidentally, the word Ladainha has its roots in Greek litaneía and in the latin litania which means a public prayer, a supplication.[3]

In Imperial Rome, the Emperor was lauded by various acclamations, but the Church, later, replaced the exaltations to the Emperor by invocations to Christ.

The first Christians of Jewish origin perpetuated many practices of prayers of the Old Testament like the singing the Psalms and the Singing of the Litany of All Saints. The Catholic Church sings this Litany on Easter vigils.

Till date, one cannot ascertain the day or the time as to when the Ladainha of Our Lady that we sing today have their genesis. They varied from place to place, from country to country and from generation to generation. The acclamations to Our Lady went on mounting as one can find in the medieval religious literature.

There was a long evolution from the medieval Ladainhas to the one that has survived, and we sing today: the Ladainha Lauretana. It was so called as it originated in Loreto, in Italy. It was officially approved in 1587 by Pope Sisto V; Besides, its aesthetic arrangement was easy to be sung.

It entered Portugal by the XVI century as many pilgrims from Italy passed through Portugal. Saint Francis Xavier was one of them.

When the Portuguese missionaries arrived in Goa, in the third decennium of the XVI century with the aim of evangelization, the Goan public was learning to sing the Ladainha in Latin and in Portuguese.

In 1616 a British Jesuit Missionary, Father Stephens Thomas published The Krista Purana (4) which was a translation of The Doutrina Cristã in a mix of Konkani and Marathi and it embodied the Ladainha besides the Life of Jesus.

But every Saturday, the Portuguese sang the ladainha in latin and in Portuguese to the goan world colonized by them. So, Konkani never flourished then. The converted Goans were made to sing it along with the missionaries in a language they never understood. Albeit all this, the Ladainha survived till date as the missionaries knew that singing harmonized well with the emotional consciousness of the Goans.

Music was a powerful instrument to introduce and to continue the evangelization of the goan community. Susana Sardo in "Guerra de Jasmim e Mogarim"

describes that catechism was easily taught to the local children by transferring the melodies of the western music to the teaching of the principles of the Roman Catholic religion. The learners were not aware of the contents nor the language they were learning. In the XVII century, this methodology facilitated the evangelization of the East.

In 1831, parish schools were founded in Goa where not only catechism was taught but also Reading, Writing and rudimentary Maths. Playing the violin, learning the solfeggio and singing was enforced upon the children.

Today, we are in awe, that generations of Goans, till date, can sing in various voices in group singing whether it is in Konkani, English or Portuguese. The parish schools instituted in 1835 have sown the seeds for the group singing of Ladainhas and the Church Choirs. It is an exhibition of their inner musical fortitude, which has no parallel in the rest of the country.

Making of musical work

An analysis of the movements of the Ladainha[5] tells us that it has five parts. The first is making the Sign of the Cross. Then follow the invocations to Our Lord like Kyrie eleison and to the Holy Trinity with the answer being misere nobis, if it is sung in Latin.

Why do we invoke to Our Lord and not start with the invocations to Our Lady? Every prayer in honour of Our Lady takes us to Her Divine Son. Our ultimate wish is to be united to HIM.

The second movement is the singing of forty-eight invocations to Our Lady like the Tower of David, the Mystic Rose, the Seat of Wisdom, the Window of Heaven and so on. The answer is Ora pronobis. The singing progresses and comes to the end with the singing of Agnus Dei and the last response to this is miserere nobis pleading forgiveness for our sins.

Figure 2. Ladainha making of musical work.

After a brief pause, the third movement is the singing of Salve Rainha (Hail Holy Queen) in Portuguese where the gathering and the soloist sing alternately.

The fourth movement is the singing of a hymn to Our Lady either in Portuguese or in Konkani with tunes already known to the people.

The last movement is the singing of a hymn dedicated to a Saint, to the Holy Cross either in Konkani in English or in Portuguese.

The Ladainha concludes with the recitation of Our Fathers and Hail Marys for various intentions. Every village has its violinists. Some, who know the rudiments of the violin and others who are masters in the performance of this classical instrument. They always supplement the singing.

There are wide-ranging tunes of the Ladainhas, from the classical to the one sung by our simple village folks neat the crosses.

End with a social gathering

If the Ladainhas are private by nature, dinner is served. If they are public, like near the crosses, boiled gram with bits of coconuts mixed in them is served and this is complemented by a glass of feni for the men and soft drinks for the women. This glass of feni is an opportunity for an elder, among the crowd, to raise a toast and end with the Viva re Viva by all. The crowd disperses in the shadow of the night.

Why is this miscellany of languages in a ritual which does not prolong beyond sixty minutes?

May be the crowd assembled at the cross is of different ages. The old know the Portuguese and the latin version and the young ones the Konkani and the English.

The youngsters follow the unknown words sung by the elders and so the Ladainha continues in many languages till day.

Closing remarks

This religious practice of praying in several languages is not only in the ambit of public Ladainhas but also in the private ones when the elite honours the patroness of the house, like the Nossa Senhora de Santa Ana, Santa Rita, Santo António, Nossa Senhora da Piedade and so on .

During such occasions there may be one or more violinists and a key board player.

It is worth mentioning, that many elite families in Goa have added to their surname, the name of the patroness of the family and the surname as for example António da Piedade Meneses or Maria de Santa Ana Colaço.

I cannot sign off, if I do not mention that the singing of the Ladainhas migrated with the goan Diaspora into their new homes, scattered in the five continents of this planet. Any opportunity may be birthdays, christenings, wedding anniversaries or the feasts of Our Patron Saint or of Santo António or São João, are occasions to put up an altar at home and sing the Ladainha.

Glossary

- Cruzeiro A large cross set up on roads or public places
- Doutrina Cristã The tenets of Christianity
- Feni Spirit produced in Goa from cashew or toddy of palm tree
- Oratório Place for prayers
- Portuguese Verb viver (to live)
- Viva re Viva Expression that means may he /she live long (Viva)

References

[1] Martins Mário (S.J) Ladaínhas de Nossa Senhora em Portugal (Idade Média ne sec XVI) pg 121
[2] ibid pg 126
[3] ibid pg 127
[4] Thomas Stephen. Krista Purana, originally published in 1616
[5] Lúcio Rodrigues. Abolim pg 126

Endemias, epidemias e pandemias em Goa

ENDEMICS, EPIDEMICS AND PANDEMICS IN GOA

por ***José Filipe Monteiro***

Editor Associado e Fundador da Casa de Goa

Associate Editor and Founder of Casa de Goa

Resumo

Numa altura em que todo o planeta vive dias de muita angústia e ansiedade por causa da pandemia de Covid19, o autor convida os leitores a uma viagem através dos tempos para recordar a história das endemias, epidemias e pandemias que tiveram lugar em Goa, e as suas consequências na economia e geografia social do território, bem como para conhecer os personagens que com o seu trabalho e desvelo, em muito contribuíram para minorar o flagelo destas enfermidades, não só em Goa mas em terras longínquas para onde tinham emigrado.

Abstract

At a time when the whole planet, due to the pandemic of Covid19, is living in anguish and anxiety, the author invites the readers to a journey through the ages to remember the history of endemics, epidemics and pandemics that took place in Goa, and its consequences in economy and social geography of the territory, as well as to get to know the leading characters, who, with their work and compassion, played a great role to lessen the scourge of those illnesses, not only in Goa but in the distant lands where they had migrated.

Preâmbulo

Corria o passado mês de Dezembro e permeados com notícias alusivas à quadra festiva, os mass media faziam manchete de relatos de uma eventual pandemia (Covid19), que alastrava todos os dias na longínqua China. Porém, a OMS (Organização Mundial de Saúde) refutava a sua existência, por ainda não existirem critérios que definissem como pandemia o surto da doença.

Escassos meses depois, a doença alastrava pelos quatro cantos do globo, com maior incidência no sul da Europa, e, aí sim, foi declarada pela OMS a pandemia que preenche o nosso quotidiano, com um misto de apreensão e ansiedade.

Nestes dias de quarentena, quando nos pedem para nos confinarmos ao nosso lar, retrocedi no tempo e no espaço, e por entre a pletora de notícias sobre a pandemia questionei-me: como teriam sido as vivências das endemias, epidemias e pandemias em Goa, de outros tempos?

A pesquisa, investigação e análise culminou com este trabalho que tendo na sua génese a saúde pública teve um impacto muito grande no panorama social, económico bem como na geografia humana, numa palavra na história da nossa terra.

Proponho aos leitores da nossa revista esta viagem ao passado tendo como critério "as origens e os danos das crises sanitárias."

Definições

Como ponto de partida parece-me muito pertinente começar pela definição dos termos que fazem a epígrafe deste texto.

Diz-se que há uma **endemia** quando uma infecção atinge uma população de uma região geográfica específica, caso de varíola.

Considera-se que há uma **epidemia** quando há uma rápida disseminação duma doença sobre um grande número de pessoas numa determinada população dentro dum curto período, caso de cólera.

Por último, uma **pandemia** é uma epidemia de doença infecciosa que se espalha entre a população localizada numa grande região geográfica como, por exemplo, um continente, ou mesmo todo o Planeta Terra, como foi o caso da gripe espanhola ou é, na actualidade, a pandemia do Covid19.

Na história da nossa terra, principalmente depois da sua conquista por Afonso de Albuquerque e ao longo dos quatrocentos e cinquenta anos da dominação portuguesa, a magnitude de algumas destas doenças infecto-contagiosas deixaram a sua marca, não só em termos de morbilidade e mortalidade, mas também como um factor importante no empobrecimento da economia, das migrações internas e, particularmente as externas, de uma parte considerável da sua população, pela vizinha Índia, Médio Oriente (Aden) e pela Africa Oriental. E, ainda que em parte, parcialmente, pela transferência da Velha Cidade, a primeira capital do território, para Panjim ou Nova Goa, como passou a ser conhecida pelo alvará de 23 Março de 1843 que instituiu oficialmente esta urbe.

Enquadramento sanitário

Ainda antes da descrição individual de algumas das entidades nosológicas, uma breve referência aos fatores que estiveram na origem e disseminação das enfermidades.

Na Goa quinhentista, e mesmo nos séculos seguintes, foram vários os motivos que propiciavam as condições e fomentavam a propagação dos transmissores da doença.

Em termos globais, as condições de higiene, principalmente os esgotos, eram muito deficientes, algo que na altura não era um atributo exclusivo do território, mas comum a todos os continentes. A agravante era o clima dos trópicos com a pluviosidade das monções a contribuir, por falta de drenagem adequada, para a estagnação das águas que se transformavam em viveiros para os insectos e parasitas.

A má nutrição da grande parte da população aliada, por um lado, à falta de medidas preventivas e, por outro, à recusa de vacinação (nos séculos dezanove e vinte), contribuíram para uma significativa letalidade da sua população.

Na maioria das vezes a disseminação destas doenças infecto-comtagiosas, tinha como ponto de partida o vizinho território da Índia e a transmissão era feita através de mercadores, viajantes ou peregrinos que traziam a "água santa (Tirtha) contaminada"[1]

Doenças endémicas e epidémicas

Cólera

É uma infeção do intestino delgado causada por algumas estirpes das bactérias Vibrio cholerae. Os fatores de risco incluem saneamento insuficiente, escassez de água potável e a pobreza.

Em concanim era conhecida como Xirxirem, Xirxiry, Modxi ou Nermuly.

Garcia de Orta, baseado na autopsia do um doente seu, falecido com a doença, foi o primeiro médico europeu a descrever a cólera asiática em 1543[2]. Ao longo dos séculos, com maior ou menor letalidade, vários surtos endémicos/epidémicos tiveram lugar em Goa.

A primeira endemia de cólera em 1570, é assim descrita por Padre Gabriel Saldanha no seu livro "História de Goa."

"*Esta calamidade atribui-se, com razão, não tanto à escassez de mantimentos, quanto à falta da limpeza e das condições higiénicas essenciais para a conservação da saúde pública, às quais pouca ou nenhuma atenção se prestava. Os pântanos e charcos estagnados, que cercavam a cidade e espalhavam exalações nocivas; as margens lodosas do rio, que se achavam sempre cobertas de detritos animais e substâncias vegetais, expostas na vazante à acção do sol tropical; a água impura dos poços de que se servia uma grande parte da população, por não poder obter a água pura de Banguinim; o lixo que se atirava em grande quantidade nas principais travessas e que as tornava imundas; as matérias orgânicas que apodreciam dentro dos canos fechados; finalmente a putrefacção da carcaça de um elefante numa alagoa perto da igreja de S. Trindade, foram as verdadeiras causas que tornaram a cidade insalubre*"[3] .

Este surto da epidemia, de grande violência, foi responsável pela morte diária de um considerável número de habitantes, bem como de animais e aves domésticas. O terror que dominava a cidade era tal que compeliu o governador Martim Afonso a proibir o dobrar dos sinos pelos finados.[3]

Na população hindu, a doença era atribuída à fúria da deusa Durga pelo seu não reconhecimento ou veneração.

Quando o estado da vítima se deteriorava, a mesma era transportada numa canoa decorada com flores e bandeiras, acompanhada ao som de cânticos, e era deixada em pleno mar onde acabava por falecer[4].

Como referimos anteriormente, vários outros surtos tiveram lugar, com maior ou menor extensão e gravidade, um dos quais entre 1789-1792 ficou conhecido como a Epidemia de Rachol que causou muitas vítimas dentro das tropas portuguesas.

Na medicina local, o tratamento consistia numa dieta à base de canja com pimenta e cominhos. Por vezes era efectuada uma queimadura com ferro em brasa na região do tornozelo.

Em 1818 o estado passou a distribuir a medicação à população através das paróquias e entidades militares.

Os doentes eram tratados com uma infusão de calomel que continha mercúrio. Posteriormente, passou-se a prescrever o laudanum, um composto à base de ópio[5]. Aparentemente, esta medicação não obteve os resultados desejados

Em 1831 foram introduzidas, progressivamente, medidas tendentes a prevenir e conter a disseminação da doença. Todo este trabalho culminaria com a publicação do Regulamento Provisório da Saúde Pública em 1845.

Em 1927, iniciou-se a vacinação da população e, como corolário, em 1945, esta doença endémica, foi considerada practicamente extinta.

Já nos anos setenta do século passado, pelo grande afluxo de trabalhadores vindo de fora de Goa e que viviam em barracas em condições deploráveis foram descritos alguns casos no território de Goa.

Peste

Peste bubónica é um dos três tipos de peste causada pela bactéria Yersinia pestis. Os três tipos de peste são classificados em função da via de infeção: peste bubónica, peste septicémica e peste pneumónica.

A primeira grande pandemia de peste bubónica foi a Praga de Justiniano. A terceira e última grande pandemia de peste surgiu no século XIX e matou mais de 12 milhões de pessoas na Índia e China.

Pensa-se que em Goa, a peste tenha sido responsável pela morte de muitos dos seus habitantes. Porém, Jan Huygen van Linschoten, um explorador neerlandês

que viveu em Goa entre 1583-1588, é perentório ao afirmar qua a peste, até a sua estadia, nunca existiu nem era conhecida dos goeses[6].

É provável que tenha havido alguns casos esporádicos da infecção por Yersinia pestis, mas a primeira referência à peste bubónica tem como ponto de partida a epidemia de Bombaim de 1896-97. Em Goa, a sua descrição em 1901, deve-se ao coronel médico Dr. Wolfango da Silva, chefe dos serviços de saúde da Índia Portuguesa. O primeiro caso, que na altura passou despercebido, teve lugar em Ribandar e posteriormente disseminou-se para outras localidades nomeadamente de Bardez e Bicholim.

Figura 1. Dr. Wolfango da Silva

De 1901 a 1920 tiveram lugar 2 surtos um dos quais de maior letalidade em Fevereiro de 1916 em Margão.

A falta de higiene, a ausência de ventilação, a proximidade com os armazéns de cereais e a proliferação dos ratos foi o rastilho para a propagação da peste. Uma vez diagnosticada a causa da epidemia, apesar das medidas de prevenção, a doença propagou-se para as aldeias circunvizinhas nomeadamente Raia, Varcá, Chinchinim, Loutolim, Benaulim, Colvá e Navelim. Um dos motivos para a propagação da enfermidade foi a não informação ou mesmo a negação da doença às autoridades sanitárias[1].

Tendo em consideração que na sua grande maioria a doença entrava em Goa vinda dos territórios vizinhos, a Junta da Saúde estabeleceu várias medidas de contenção: foram criados nas fronteiras postos de desinfecção; todo o passageiro, proveniente, na altura, da Índia Inglesa, onde prevalecia a doença, era obrigado a sujeitar-se à inspecção médica, nos postos de entrada; as autoridades entregavam-lhe a guia sanitária; e, ao mesmo tempo, era enviada aos respectivos administradores uma relação nominal, diária, dos passageiros e o local da sua residência nos concelhos.

As bagagens eram convenientemente desinfectadas e toda a roupa suja queimada. Os passageiros com a guia sanitária deviam apresentar-se ao delegado de saúde do seu concelho, dentro de 24 horas, salvo no caso de força maior, justificando perante o administrador. Durante os oito dias seguintes deviam tornar-se a apresentar ao delegado de saúde, ou então na respectiva regedoria, ao médico indigitado pelo delegado.

Os indivíduos, que nos postos de inspecção ou na sua aldeia fossem considerados suspeitos, eram imediatamente isolados no Lazareto ou em barracas apropriadas para este fim; quanto às pessoas da sua família ou das suas relações, era-lhes facultado ficar com o doente com tanto que se sujeitassem a todas as exigências sanitárias.

Estas medidas, mantidas com mais ou menos rigor pela Junta de Saúde, auxiliada pelo governo e pelo povo, fizeram com que a peste bubónica não produzisse estragos em Goa, apesar de não faltarem casos isolados, todos importados de Bombaim[7] .

Para além destas deliberações que visavam a prevenção por mobilidade das pessoas e bens foram também implementadas diversas medidas tais como a limpeza das habitações dos mercadores que viviam em casas com deficiente ventilação; a inspecção regular pelas autoridades sanitárias das casas e dos terrenos adjacentes; a fumigação das ruas com derivados de benzeno e produtos químicos; em algumas casas a remoção das telhas; a obrigatoriedade de comunicar às autoridades a presença de ratos mortos e pessoas com febre e abertura das janelas das casas com deficiente ventilação.

Foi também instituído o tratamento com vacinas como foi o caso do soro de Haffkine, usado na Índia, em grande escala, a fim de tornar o organismo refractário à peste.

Este tratamento foi também utilizado em Damão e, num inquérito feito neste território pelos professores Koch, Gaffky e outros, com o fim de investigar os

efeitos da vacina, concluiu-se que em 6033 pessoas não inoculadas houve 1482 vitimas, ao passo que entre 2117 inoculadas, que deveriam ter, segundo o calculo, 322 mortes, perderam-se 36, representando uma reducção na mortalidade de 89,2 %[7].

Peste bubónica e médicos goeses

Dois médicos goeses, a exercerem a sua profissão

Figura 2. Dr. Acácio Gabriel Viegas. Estátua em Cowasji Jehangir, Bombaim.

noutros países, deram um contributo notável no diagnóstico da peste bubónica:

Acácio Gabriel Viegas (1856-1933)[8]

Natural de Arporá, Goa, estudou no Grant Medical College em Bombaim onde concluiu os estudos em Medicina.

Em 1896, uma misteriosa doença atingiu a cidade de Bombaim, principalmente as favelas Nowroji Hill. A doença espalhou-se rapidamente a ponto de ser declarada como uma epidemia o que levou a um êxodo em massa dos seus habitantes.

O Dr. Viegas diagnosticou correctamente a doença como peste bubónica. Para confirmar o seu diagnóstico foram trazidas pelas autoridades competentes quatro equipes de peritos independentes que confirmaram o seu veridicto. O governador de Bombaim convidou WM Haffkine, que já havia formulado uma vacina para cólera, para fazer o mesmo tratamento em Bombaim. O Dr. Viegas inoculou pessoalmente cerca de dezoito mil moradores além de ter lançado uma campanha feroz para limpar as favelas e exterminar os ratos, os portadores da praga.

Em 1956, por ocasião do centenário do seu nascimento, foi erigida no Salão Cowasji Jehangir, oposto ao cinema Metro, uma estátua sua em tamanho real, pelo Governador do Bombaim, Harekrushna Mahtab, como um tributo aos serviços prestados à cidade. Na toponímia de Bombaim, em Dhobitalao, também existe uma rua com o seu nome.

Rosendo Ayres Ribeiro (1871-1951)[9]

Natural de Porvorim, Goa, chegou a Mombaça em Fevereiro de 1900, aos 29 anos, e foi um dos primeiros goeses a chegar ao Quénia.

É de supor que Rosendo Ayres tenha tido a sua formação médica na Escola Médico-Cirúrgica de Goa.

Rosendo Ribeiro, foi o primeiro médico a praticar medicina particular no Quénia, assim como o primeiro a diagnosticar a peste bubónica naquele país. Pela sua valiosa contribuição à medicina local, recebeu a Ordem do Império Britânico.

Figura 3. Dr. Rosendo Ayres Ribeiro

No exercício da sua clínica, deslocava-se montado numa zebra, que ele havia domesticado, e como tal, era conhecido como "O Doutor da Zebra".

Foi o primeiro presidente da associação goesa local, em 1906. Desempenhou ainda a função de Vice-Cônsul de Portugal em Nairóbi, capital queniana, de 1914 a 1924.

Varíola

Doença infeciosa causada por uma de duas estirpes do vírus da varíola – variola major e variola minor.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a erradicação da doença em 1980.

Desde sempre, a varíola foi a causa de epidemias mortíferas. Pensa-se que teria surgido na Índia ainda antes da era cristã.

Em Goa, era a seguir a cólera a epidemia mais temida. Atingia preferencialmente as crianças. A mortalidade era cerca de 30% e, nos sobreviventes, as sequelas mais comuns eram a extensa cicatrização da pele e cegueira.

Nos primeiros séculos da presença portuguesa estão descritos dois surtos 1545 e 1705. Este último, com maior letalidade, terá tido a sua origem em Anjuna no conselho de Bardez e a única assistência que tiveram os doentes atingidos pela doença esteve a cargo de padres de uma ordem religiosa (Oratório de S. Filipe de Nery).[10] No século dezanove tiveram lugar vários surtos epidémicos, principalmente na segunda metade do mesmo (1870, 1872, 1882, 1884, 1889, 1891, 1892 e 1897).

Nos meados do século 20 também houve surtos, um dos quais, em 1922, foi responsável pela morte de 140 pessoas da comunidade deuli (farazes). Os seus habitantes tinham recusado a vacinação por motivos religiosos. Em 1945 foram registados 257 casos. Admite-se, como provável, que o número de casos desta epidemia tenha sido bem maior dado que um número significativo não foi participado às autoridades.[1]

Até meados do século dezanove não tinham sido implementadas medidas preventivas. O grande número de surtos na segunda metade, tornou obrigatória a vacinação em 1883 e dez anos mais tarde, em 1893, foi reforçada a obrigatoriedade, sendo que todas as crianças a frequentar as escolas tinham de ser vacinadas[11].

As directrizes não foram, contudo, muito eficazes. Foram muitos os factores que contribuíram para o seu insucesso. Desde a má qualidade do acondicionamento do líquido da vacina, passando pela técnica da vacinação, a relutância das populações em aceitar a inoculação por motivos tradicionais (superstição e religião – não seria de agrado da deusa Devi) e ao fraco estipêndio que era dado aos vacinadores. A rejeição pela população de Bicholim foi ao ponto da mesma fazer uma petição para a suspensão da vacinação e ao regresso as práticas tradicionais.

Anos mais tarde (1916) com a melhoria do estipêndio, 10 rupias para cada dez indivíduos vacinados e uma multa de 50 rupias para quem recusasse a ser vacinado, houve um aumento progressivo de pessoas a serem inoculadas com a vacina.[12] Não obstante, a varíola não foi totalmente erradicada dado que muitos dos casos não eram declarados com o receio dos doentes serem confinados ao isolamento em Mormugão, Margão Colém e Reis Magos.

Malária

Malária, também denominada de paludismo, tem origem no italiano medieval mala aria, ou "maus ares."

É uma doença infecciosa transmitida por mosquitos e causada por protozoários parasitários do género Plasmodium. No quadro clínico o sintoma que se destaca é a febre, que é do tipo intermitente. As manifestações clínicas podem ocorrer novamente após períodos totalmente assintomáticos. Daí, na Goa quinhentista, a doença ser genericamente conhecida como "febres" ou "sezão" (febre intermitente).

A malária é endémica em regiões tropicais e subtropicais devido à chuva abundante, temperatura quente e grande quantidade de água estagnada, o que proporciona habitats ideais para as larvas do mosquito.

Estão descritos dois surtos epidémicos desta doença (1570 e 1619) que atingiu a população portuguesa, independente da classe social, naturalmente menos imunizada. De 1540 a 1691 morreram em Goa 10 vice-reis e governadores. Na opinião de Linschoten, na origem das "febres" estaria a dieta pobre em carne, bebidas alcoólicas e prostituição[6].

Os surtos endémicos/epidémicos continuaram ao longo dos séculos seguintes com grande impacto na migração das populações, que esteve na origem da progressiva desertificação da Velha Cidade e da ilha de Chorão conhecida como a "Ilha dos Fidalgos."

Esta ilha, tinha visto a sua população aumentar progressivamente, devido a fuga dos habitantes, socialmente privilegiados, da vizinha "Roma de Oriente" que foi a primeira a ser atingida pelas várias endemias que ciclicamente assolavam a cidade. Nesta ilha (Chorão), na paróquia da Nossa Senhora da Graça,

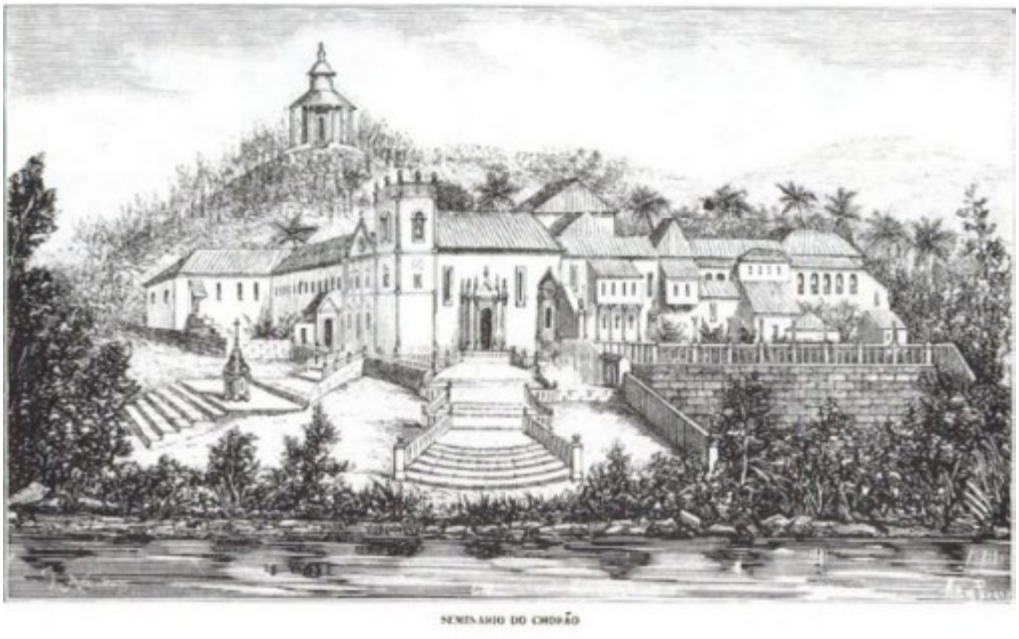


Figura 4. Real Colégio de Educação na ilha de Chorão

num curto período de seis meses a população passou de 8000 habitantes a 1700. Como consequência foi encerrado o Real Colégio de Educação de Chorão[13].

Para além do concelho das Ilhas, outros concelhos, principalmente os que eram densamente arborizados, casos de Quepém, Canácona e Sanguém foram duramente atingidos por esta doença. (No concelho de Sanguém, entre 1919 e 1914, 35% da população veio a falecer desta doença)[14].

Calcula-se que, em 1949, esta doença tenha provocado cerca de 60000 mortes em Goa[1].

Tratamento e Estratégias de erradicação da malária

Antes da era de farmacopeia química, uma grande parte dos doentes era tratada à base de sangrias. No que diz respeito a admissões hospitalares, o Hospital Regimental era responsável pela maioria dos doentes internados. A partir de 1869 o tratamento passou a ser feito pela prescrição do quinino.

As normas para o tratamento e prevenção das epidemias foram publicadas em 14 de março de 1913.[15]

Neste âmbito, passou a ser da responsabilidade dos donos da habitação, nas cidades de Panjim, Margão, Mapuça e Vasco da Gama, a limpeza dos charcos e águas estagnadas em redor da sua casa. Os poços deviam ter uma cobertura e água extraída através de uma bomba. Os custos eram muito elevados para grande parte da população. Assim muitos poços deixaram de ser utilizados.

Em 1920, o Dr. Froilano de Melo e Luís Braz de Sá da Direcção Geral da Saúde, descobriram e encerraram perto de 18000 poços.

No final da década de quarenta e início de cinquenta foi iniciada uma campanha em grande escala para controlar esta epidemia. Assim iniciou-se a fumigação da via pública e das casas (3 vezes/semana) com

Figura 5. Fumigação com DDT nas ruas e sarjetas de Panjim

diclorodifeniltricloroetano (DDT), o primeiro pesticida usado para a vaporização residual interior e exterior, e a entrega gratuita de comprimidos de quinino (Paludin).

O autor deste texto recorda-se perfeitamente da fumigação que era realizada ao crepúsculo na cidade de Panjim, bem como a visita noturna, previamente anunciada, da brigada sanitária, para a recolha de sangue (esfregaço em lámina) para pesquisa do plasmodium.

Com estas medidas, a malaria estava praticamente controlada no território de Goa. Infelizmente, nos anos mais recentes, por desleixo, ou outra qualquer razão, houve ressurgimento desta doença, com alguns casos de extrema gravidade (malaria cerebral) que levaram à morte de alguns dos seus habitantes.

Pandemias

Gripe Espanhola

A gripe espanhola, também conhecida como gripe de 1918, foi uma pandemia do vírus influenza.

A doença (gripe) era pouco conhecida em Goa, e segundo os relatos da época, teria sido importada do vizinho território da Índia, de onde cerca de três centenas de goeses debandaram de regresso a Goa. O primeiro caso descrito deu-se em Bardez tendo posteriormente propagado por todo o estado. A incidência era maior nos jovens, idosos e mulheres grávidas, que sucumbiam a doença, abortavam ou tinham partos prematuros. No concelho de Quepém 80% das mulheres grávidas abortaram[16].

Em Siolim, morreram 8-10 pessoas por dia enquanto durou a pandemia[1].

Uma notícia, veiculada pelo Jornal Público em 2001, descrevia que tinha sido descoberta uma vala comum com ossadas de vítimas de uma epidemia de gripe que assolou Goa entre Agosto de 1918 e Maio de 1919 em Batim, uma aldeia a cerca de doze quilómetros a sul de Pangim. A vala comum tinha sido descoberta por trabalhadores que escavavam fundações para a extensão do muro do cemitério da aldeia[17].

Também o diário Times of India de 13 de Abril deste ano, referia numa crónica, a presença de ossadas numa vala comum numa colina na aldeia de Salvador do Mundo, num local ermo designado por Bombaimkarancho Khuris[18].

As medidas preventivas tomadas tardiamente, só em Outubro de 1918, aconselhavam a não tossir ou espirrar em público e utilizar um lenço para cobrir a boca. Durante o surto foram distribuídos gratuitamente medicamentos pela população mais pobre. Em alguns locais as entidades oficiais tomaram medidas para combater a pandemia como foi o caso do comando militar de Sanguém que montou instalações provisórias para tratar os doentes com a gripe.

Enquanto durou a gripe a assistência aos funerais foi privada.

A pandemia de 1959 teve pouca repercussão ou foi pouco noticiada no território.

Poliomielite

A epidemia da poliomielite teve dois surtos em Goa, o primeiro em 1937-41 e o segundo no início da década de cinquenta. Atingiu na sua esmagadora maioria crianças até aos 4 anos e predominantemente no concelho de Bardez[19].

Considerações finais

As endemias, epidemias e pandemias têm consequências nefastas nas populações. Também no território de Goa milhares dos seus habitantes, locais ou europeus, sucumbiram a estas enfermidades, o que levou o Vice-Rei (Conde de Alvor) (1681-1686) a referir que "Goa é o cemitério dos portugueses."

Para além da grande letalidade, estas doenças contribuíram em muito para moldar a história da nossa terra nas mais diversas esferas sociais, económicas e geográficas.

REFERÊNCIAS:

1. Gracias FS. Health and Hygiene in Colonial Goa, 1510-1961.Vol 4. P. 151-210. Ed. Xavier Centre of Historical Research. Concept Publishing Company, 1994
2. Cólera-asiática. www.infopedia.pt
3. Saldanha MJG. História de Goa (Política e Arqueológica). Editora: Asian educational Services New Delhi.1990. Volume 1 P.135
4. Archivo de Pharmacia e Sciencias Accessorias da India Portuguesa, Nova Goa, 1870, p. 19.
5. Historical Archives of Goa: Monções do Reino (HAG: MR). 196, fl. 131
6. Linschoten JV: Itinerário, viagem ou navegação para as Índias Orientais ou portuguesas (edição de Arie Pos e Rui Manuel Loureiro). Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997
7. Pinto AXR. A Peste da Índia. Ligeiros Apontamentos para a sua História. Typographia A. F. Vasconcellos, Sucessores. Porto 1901.
8. https://pt.qwe.wiki/wiki/Acacio_Gabriel_Viegas
9. https://pt.wikipedia.org/wiki/Rosendo_Ribeiro
10. Nazareth JMC, " Os religiosos da India e as Bexigas" 0 Oriente Portuguez, V, Nova Goa, 1908, p. 358.
11. Historical Archives of Goa: CD. 11668, fl. 110.
12. Arquivos da Escola Medico Cirúrgica de Nova Goa.1942, Bastorá, 1942, p. 177.
13. Albuquerque JFF. Divar – The Iconic Island of Goa Dourada. Broadway Publishing House. 2015. Pg. 119-120.
14. Proceedings of the 1st Sanitary Conference 1914, Nova Goa, 1917, p. 762.
15. Boletim 0ficial, n° 21, 14th March 1913.
16. Afonso PC."0 Problema da Mão d'Obra Agrícola na India Portuguesa", 7 ° Congresso Provincial, Nova
17. Goa, 1927, p. 32. www.publico.pt>2001/12/28
18. https://timesofindia.indiatimes.com/city/goa/mass-graves-scattered-bones-goas-traumatic-memories-of-the-1918-spanish-flu/articleshow/75113572.cms
19. Brás de Sá LJ "Algumas notas epidemiológicas sobre a poliomielite em Goa", Arquivos da Escola Médico-cirúrgica de Nova Goa, Bastorá, 1942, p. 222

Caminho de ferro de mormugão

THE MORMUGÃO RAILWAY

por ***Francisco da Purificação Monteiro***

Sócio fundador da Casa de Goa

Founder Member of Casa de Goa

Resumo

O Caminho de Ferro de Mormugão, foi um dos maiores empreendimentos de obras públicas realizados no território de Goa, na era colonial. Na origem da sua construção estava a almejada evolução favorável da economia e a melhoria na mobilidade de pessoas e bens. Na impossibilidade do governo local (Goa) e central (Portugal) poderem arcar com as despesas da sua construção, foi um acordo com o governo da Inglaterra, através de empresas privadas daquele país, que tornou possível a sua concretização. Infelizmente, o almejado e concretizado projecto não trouxe as esperadas vantagens económicas para o nosso território.

Abstract

The Mormugão Railways, was one of the biggest enterprises of public works carried out in Goa, during the colonial era. A desired economic improvement and a favorable uplift in the mobility of people and goods were at the source of this project. Since the local (Goa) and central (Portugal) governments could not cope with the expenses of its building costs, it was an agreement with the government of Great Britain, through private enterprises, that made possible this achievement. Unfortunately, the desired project brought no expected economic benefits to our territory.

O Caminho de Ferro de Mormugão (CFM) foi uma das mais importantes obras de engenharia feitas em Goa; na base da sua construção esteve o aproveitamento do magnífico porto de Mormugão e também a aspiração de estabelecer uma ligação com a antiga Índia Britânica.

Enquadramento Histórico do Caminho de Ferro de Mormugão

No seu artigo "Caminhos de ferro e desenvolvimento económico na Índia e em Portugal: uma comparação entre as linhas do Mormugão e do Tua", os investigadores Hugo Silva Pereira e Ian J. Kerr, escrevem:

"O governo português manifestou o desejo de construir uma linha de caminho de ferro que aproveitasse as magníficas condições do porto de Mormugão que podia receber os maiores navios durante todo ano, incluindo as monções; não tendo condições económicas e financeiras para a construção do caminho de ferro precisava da cooperação do governo de Sua Majestade para o aproveitamento do porto de Mormugão como uma porta natural para o escoamento das mercadorias e minérios da Índia Britânica; depois dos avanços e recuos, aproveitando duma conjuntura favorável o Governo Britânico (GB) viu uma possível ferrovia como uma contrapartida aceitável em vista das concessões substanciais feitas pelos portugueses em outros artigos do tratado, i.e., união aduaneira, controle da produção de sal e ópio pelos agentes britânicos e adoção do sistema britânico de impostos de bebidas alcoólicas. Além disso, era uma grande oportunidade para os investidores de Londres aplicarem seu capital excedente. Assim, o GB permitiu finalmente em Dezembro de 1878, que fosse assinado o tratado criando a empresa WIPGR – Western India Portuguese Guaranteed Railway"[1]

Posteriormente, o Stafford House Committee, liderado pelo Duque de Sutherland, fez uma grande pressão em favor de uma linha que conectasse Mormugão ao território britânico, o que impulsionou a causa da WIPGR[2] .

Desde a década de 1860 as autoridades portuguesas já haviam sinalizado positivamente a tentativas semelhantes de realizar esse projeto, mas na época tais esforços não vingaram. Este projecto, uma ferrovia a atravessar Goa e estimular um uso mais intenso do porto de Momugão foi ao encontro do Fontismo (promoção das obras públicas no governo de Fontes Pereira de Melo).

Os portugueses esperavam que uma companhia privada fosse assumir o projeto sem nenhum apoio financeiro do Estado. Contudo, isso não aconteceu, e os portugueses tiveram de garantir um retorno, sobre o investimento, aos acionistas de uma companhia ferroviária privada, baseada na Inglaterra, formada pelo Stafford House Committee em 1881. Portugal ofereceu uma garantia de 5% sobre um capital de 800 mil libras e 6% sobre capital adicional de 550 mil libras conforme expresso em duas leis, de 1885 e 1888[2].

O Governo da Índia Britânica (GOI) e o Governo da

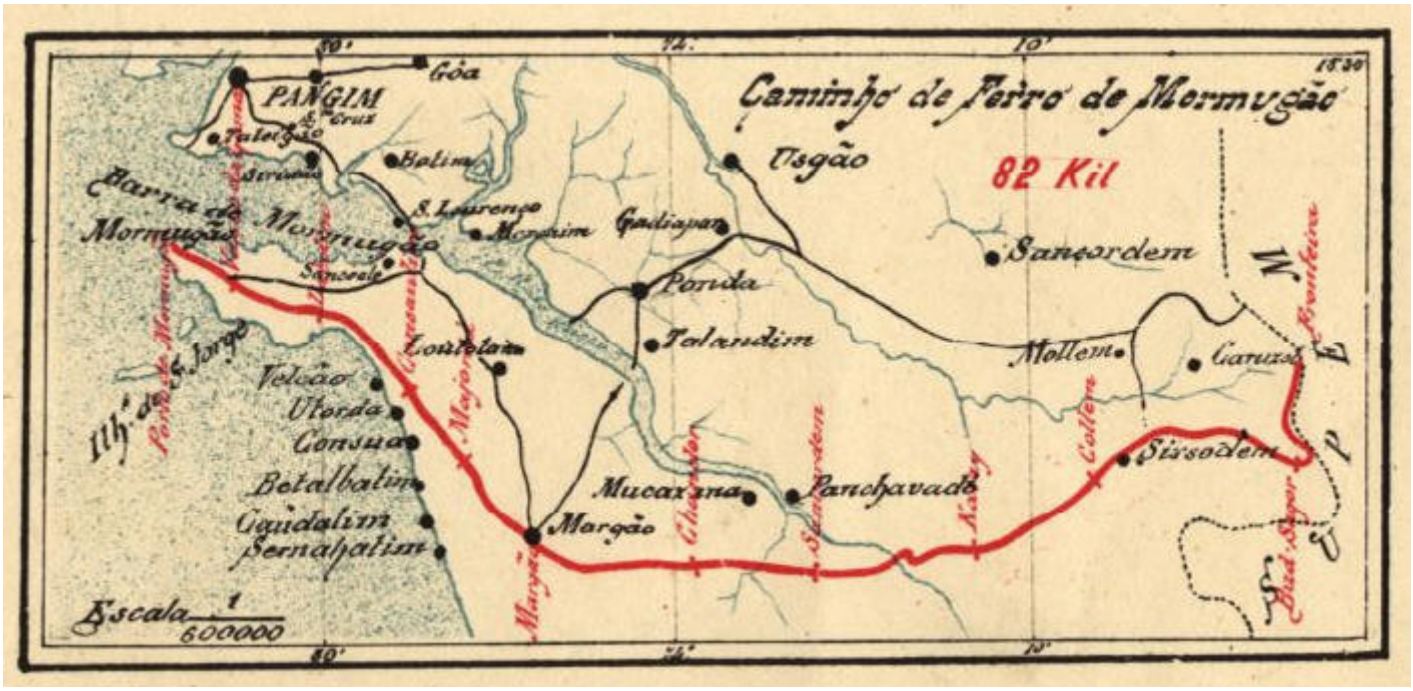


Figura 1. Mapa com o trajecto do Caminho de Ferro de Mormugão
(fonte: galeriagoesesilustres blogs.sapo.pt)

Presidência de Bombaim (subdivisão administrativa da Índia inglesa) não eram favoráveis à construção da WIPGR. Ambos encorajavam a construção de ferrovias, mais rápidas e mais baratas, para transporte de colheitas, cada vez maiores, do interior dos distritos ao sul da Presidência de Bombaim, desde que elas fossem direcionadas para o porto mais próximo – Karwar − localizado na Índia britânica, a cerca de 20 km ao sul de Goa.

No entender daqueles organismos, a Grã-Bretanha não deveria financiar uma ferrovia direcionada para um território estrangeiro, quando havia uma opção na própria Índia britânica. Porém, estas objecções do GOI foram anuladas em Londres. De modo pragmático, R. B-D. Morier, o negociador britânico do tratado de 1878, argumentou que a linha de Mormugão colocaria sob responsabilidade de Portugal os custos substantivos das obras do grande porto e de 50 milhas do caminho de ferro. Por seu lado, as autoridades britânicas, concordaram em estender a conexão de

Figura 2. O caminho de ferro de Mormugão servindo o porto de Mormugão (fonte: Emile Marini, Arquivo Histórico Ultramarino)

Mormugão com a Índia britânica, autorizando a Southern Maharatta Railways (SMR) a construir uma linha de Nova Hubli a Castle Rock[2].

A WIPGR foi concluída em 1887. O projeto completo de 194 km até Nova Hubli foi formalmente inaugurado em 31 de Janeiro de 1888, em cerimónia que contou com a presença dos governantes de Goa e da Presidência de Bombaim. A cerimónia levou o principal jornal de Bombaim, o Times of India, a opinar que "para os comerciantes, o porto de Mormugão oferece grandes atrações, e não há dúvida de que elas serão aproveitadas, tanto pelos mercadores de Bombaim quanto por outros de modo geral".

Consequências económicas e financeiras dos CFM

Infelizmente para Goa e Portugal, essa previsão não se materializou. A WIPGR não foi lucrativa até parte do século XX, pelo contrário, um estorvo para o tesouro português.

Para além desta situação, o tratado de 1878 continha elementos que prejudicavam a economia de Goa. Os principais bens transportados pela ferrovia, pelo menos até 1902 - algodão, sal e cereais - eram produzidos na Índia britânica e não em Goa - à exceção de sementes oleaginosas. A abolição do recolhimento de direitos alfandegários sobre os têxteis importados dos britânicos dificultava a atividade têxtil em Goa. Além disso, foram designados agentes britânicos para controlar a produção do sal em Goa. Não surpreendentemente, eles acabaram por arruinar essa atividade, e Goa, anteriormente um grande produtor de sal, passou a ter de comprá-lo da Índia britânica. O subsequente aumento no preço do sal afetou, por sua vez, a produção de peixe salgado e cocos (os coqueiros beneficiam da aplicação de sal como fertilizante). A subsistência dos goeses foi, então, severamente afetada, e muitos se viram forçados a buscar trabalho na Índia britânica.

Em Agosto de 1897, o coronel Joaquim José Machado, governador da Índia Portuguesa, declarou numa entrevista em Bombaim: "Portugal é um país pobre, e ainda assim o governo já pagou por volta de 900 mil libras por conta da ferrovia; a linha não paga nem suas despesas de operação"[1]. Por volta de 1902, Portugal havia pago à WIPGR 1.238.625 libras pela garantia, equivalente a quase o orçamento inteiro da construção da ferrovia e das melhorias no porto.

O caráter transnacional do projeto era um ponto sensível e gerava constrangimentos que limitavam o fluxo do tráfego para Mormugão. Não eram

as dificuldades operacionais e as maquinações manipulativas causa subjacente da falta de rentabilidade da WIPGR, mas elas contribuíram para as baixas receitas da linha até 1902. Essas dificuldades incluíam atrasos criados pelos oficiais dos serviços aduaneiros de GOI em Castle Rock, bem como a relutância entre os comerciantes da Índia Britânica em estabelecer operações numa uma área "estrangeira".

Um problema maior era o impacto deletério causado pela linha Deccan Oeste da SMR (Londa a Poona, conectando à Great Indian Peninsula Railway [GIPR] e assim a Bombaim), que não havia sido cogitada quando os portugueses foram induzidos a fornecer garantia à linha de Mormugão à fronteira. Além disso, ajustes de tarifas pela SMR e pela GIPR converteram a WIPGR "de escoadouro natural de um amplo sistema a uma linha local de tráfego escasso, incapaz de sustentar com seus custos operacionais básicos, tais como a cobrança anual gerada pela garantia, pairando assim, como uma praga por sobre toda a colônia"[1].

Há, também, um sólido argumento para o insucesso desse projeto como um todo: a WIPGR e as melhorias nas dependências do porto de Mormugão eram medidas insuficientes para torná-lo um grande porto para navios transitando entre o sul da Ásia e a Europa. O fundamento é que por volta de 1880, a dominância de Bombaim, uma cidade grande com empresas comerciais bem estabelecidas, com sua excelente ancoragem e sua rede de comunicações ferroviárias de bitola larga com grande parte da Índia era incontestável. Com pouca navegação oceânica direta, o melhor que Mormugão poderia almejar era uma intensificação na navegação costeira envolvendo o comércio focalizado em Bombaim.

O Oitavo Relatório Anual da WIPGR, de 1889, mencionava um serviço regular de navio a vapor entre Mormugão e Bombaim, além de um considerável volume de transporte para Bombaim por pequenas "embarcações nativas". No entanto, nenhum barco vindo direto da Europa atracava em Mormugão, à exceção de alguns navios trazendo carvão para a SMR e um barco avariado em busca de abrigo durante a monção. É certo que, apesar dos esforços, no período de 1888 a 1901, bem poucos barcos faziam a viagem

Figura 3. Transporte de minério de ferro para o porto de Mormugão (fonte: Wikipédia)

direta da Europa para a costa ocidental da Índia. Mas nenhum desses barcos ancorou em Mormugão em 1888, 1889, 1890 e 1899. Em outros anos, o porto viu chegarem algumas embarcações em números muito reduzidos. Mesmo os melhores anos diziam respeito a carregamentos de maquinaria e material de construção para grandes obras públicas no sul da Índia, algo que gerava pouco estímulo à economia de Goa. Em contraste, a média anual de entrada de em Bombaim, entre 1891-1892 e 1900-1901, de cargueiros e outras embarcações era de ordem de um milhar[3].

A SMR idealizou utilizar o porto de Mormugão para o carvão, suprimentos e material de construção para atender à sua rede em expansão no Sul de Decão. Com este intuito, em 1905, a SMR planeou uma rota mensal de barcos a vapor da Europa para Mormugão, passando por Lisboa, mas um boicote em Bombaim desfez este intento[4]. A fortuita descoberta de depósitos de manganês em Decão e Goa (onde cerca de 20 minas operavam em 1907) forneceu um volume considerável de tráfego de minério para Mormugão (1.200 toneladas em 1905 e 41.377 toneladas carregadas em 1906)[5].

No seu livro "Índia Portuguesa"[6] o professor Armando Gonçalves Pereira, faz a seguinte resenha histórica em relação ao CFM:

«Em 18 de Abril de 1871, o Governo Português entregou à companhia Inglesa West India Portuguese Railway a construção e exploração do Porto e do

Caminho de Ferro de Mormugão, por um período de 99 anos a contar da data da inauguração do serviço público. Seis anos mais tarde, isto é, em 1877, já estavam construídos os primeiros 366 metros de caís (nº 1, nº2 e nº3), abrigados por 350 metros de molhe, e no ano seguinte a linha do caminho de ferro atingiu a fronteira. Nos termos do acordo assinado, o Governo Português, tendo tomado conhecimento de que o capital inicial da Companhia era de 800.000 libras, garantiu a esse capital o juro de 5 % e, mais tarde, foram autorizados dois aumentos de capital, um de 500 mil libras e outro de 50. 000 libras, com a garantia de juro de 6 %. O Caminho de Ferro, na sua exploração, foi sempre deficitário. Em 1902, o Governo Português aceitava que a West India Portuguese Railway ligasse os seus interesses aos da SMR, ficando a cargo desta a exploração da linha e do porto de Mormugão. Porém, em 1907, esta última companhia ferroviária fundiu-se com outra e passou a denominar-se Madras & Southern Maharatta Railway (MSMR), nome que conserva até a nacionalização em 1949, passando então a chamar-se Madras & Southern Maharatta State Railway (MSMSR). Em 1944 foi esta linha nacionalizada passando a pertencer ao governo da União Indiana. Pelo Acordo de 1902, passados os primeiros anos de vigência, qualquer das partes tinha direito de rescindir o Acordo com o aviso prévio de 6 meses, contados a partir de 30 de Junho ou 31 de Dezembro, depois de recebido o aviso da outra parte.

A partir de 1903, o tráfico deste caminho de ferro aumentou e, em 1927, o Governo Português foi pela primeira vez dispensado do pagamento de juros e até creditado em 2.000 libras, montante que se elevou a 13.000 libras em 1929. Neste último ano, foi assinado um novo contrato adicional, pelo qual o governo português se comprometeu mais uma vez a garantir o juro de 6 % até ao montante de 300.000 libras, que a Companhia deveria investir para realizar as obras especialmente em Mormugão, tais como a ampliação das "gares" e vias férreas, construção de armazéns e depósitos, montagem de uma central eléctrica, construção dos cais nº 6 e 7 e aquisição de vário equipamento. Porém, a partir de 1930, o tráfico do caminho de ferro vai diminuindo e o Governo Português, longe de tirar qualquer interesse, continua com os pesados encargos da garantia do juro além dos que tem tido com as despesas de transformação do porto.

Particularidades de Caminhos de Ferro de Mormugão:

O caminho de ferro de Mormugão é de via métrica, largura que é igual às linhas indianas que vão até Poona e Sholapur, ao norte e Guntakal, Bangalore e Chitoor ao sul.

Em 1953 o material do Caminho de Ferro de Mormugão constava de 22 locomotivas, 51 carruagens, 12 furgões e 322 vagões.

No seu percurso de Mormugão até Caranzol constavam as seguintes estações: Vasco da Gama, Dabolim, Cansaulim, Majordá, Margão, Chandor, Sanvordém, Calai, Colém e Sonaulim.

Este caminho de ferro é percorrido por 6 comboios de passageiros ao dia, 3 ascendentes e 3 descendentes, dos quais dois são locais. Os comboios percorrem o trajecto que vai entre as estações de Mormugão a Caranzol – Londa, num total de 82,14 quilómetros. No entroncamento de Londa esta linha liga-se com todos os caminhos de ferro da União Indiana e tem no território português 12 estações e um apeadeiro.

Com a construção da linha de Caminho de Ferro de Mormugão numa extensão de 82 Km, e a sua ligação em Castle Rock com a Southern Mahrata Railway Company, iniciou-se uma nova era nas comunicações entre o território português de Goa e a Índia Britânica. É também por este motivo, que passado pouco tempo sobre a entrada efectiva em funcionamento desta ligação ferroviária, a cargo da West of India Portuguese Railway, foi publicado na P.P.Nº162 um importante diploma, que estabelecia um novo "Regulamento Geral do Serviço Postal no Estado da Índia Portuguesa", mas que tem a sua origem na necessidade da criação e regulamentação das «Repartições Postais Ambulantes»[7]".

Figura 4. Estações postais ambulantes servidas pelo CFM

Bloqueio da União Indiana e seu impacto no caminho de Ferro de Mormugão

«Em 1955 a MSMSR, nessa altura já nacionalizada pelo governo da União Indiana, denunciou para 31 de Dezembro desse ano o Acordo de 1902 esperando assim prejudicar decisivamente as comunicações marítimas e ferroviárias de Goa e, consequentemente toda a economia do Estado da Índia, tendo retido o equipamento ferroviário que estava em reparação em Hubli, retirada do pessoal que prestava serviço em Goa e chegando a levar os bilhetes para as viagens; felizmente o Governo Português tomou as providências necessárias que permitiram o regular funcionamento do Porto e do Caminho de Ferro de Mormugão, sem qualquer interrupção e conseguindo mesmo melhorar o serviço enviando pessoal qualificado e fazendo vultosos investimentos.»[8]

CFM pós bloqueio

Em 1958, 1959 e 1960 foram realizadas importantes obras de beneficiação do caminho de ferro de Mormugão das quais salientamos: 1- A estação de Dabolim − um apeadeiro, que não permitia cruzamento de comboios, o que causava grandes transtornos e demora na circulação, dado que o cruzamento só se podia fazer na estação de Vasco de Gama ou na de Cansaulim − foi transformada em estação de cruzamento, removendo-se assim todos os inconvenientes que acima se mencionaram. 2- Foram construídas e equipadas oficinas para a reparação das máquinas que até 31 de Dezembro de 1955 eram feitas nas oficinas em Hubli. 3- Recuperaram-se todas as locomotivas e os vagões que permitiram o incremento do transporte de minério. 4- A estação ferroviária de Calém não dispunha das facilidades para o carregamento de minério, que os empresários mineiros da região precisavam para transportar o minério para o porto de Mormugão, o que levou à construção dum desvio ferroviário, tendo sido expropriados terrenos adjacentes para servirem de parque de armazenamento de minério. Estas obras além de facilitar e aumentar o tráfego vieram a proporcionar maior receita a companhia. 5- Reparação da ponte de Sanguém. 6- Aquisição de locomotivas Diesel. 7- Aquisição de novos vagões. 8- Aquisição de novas máquinas e ferramentas[9].

Figura 5 . Estação de Vasco da Gama (fonte: alchetron.com)

Em 31 de Março de 1961 realizou-se a transferência para o Governo do Estado da Índia do Caminho de Ferro e do Porto de Mormugão que a partir dessa data passou a ser administrada pela Junta Autónoma dos Portos e do Caminho de Ferro de Mormugão que passou a ter a sua sede na cidade de Vasco da Gama[10]. Recordamos que a concessão do Porto e do Caminho de Ferro estava entregue a "The West of India Portuguese Guaranteed Railway Limited"; para terminar a concessão, o Governo Português pagou à concessionária, nos termos referidos contratos, a importância de 1.107541-18-10 libras. Com a invasão e a ocupação militar de Goa e a sua posterior anexação o governo indiano apropriou-se do Porto e do Caminho de Ferro de Mormugão, uma empresa que era propriedade de Goa e dos goeses, sem ter despendido um cêntimo e integrou-a na Indian Railways.

Considerações finais

O caminho de Ferro de Mormugão contribuiu para o desenvolvimento e progresso de Goa, transportando passageiros, mercadorias e correio de Goa a antiga Índia Britânica e mais tarde até 1955 à União Indiana, quando o governo deste país impôs um bloqueio e suspendeu todas ligações rodoviárias, ferroviárias e marítimas com os territórios do antigo Estado da Índia. Nos finais da década de 50 e início da década de 60 o caminho de ferro de Mormugão foi uma das alternativas para o transporte dos minérios de ferro, manganês e bauxite até ao porto de Mormugão.

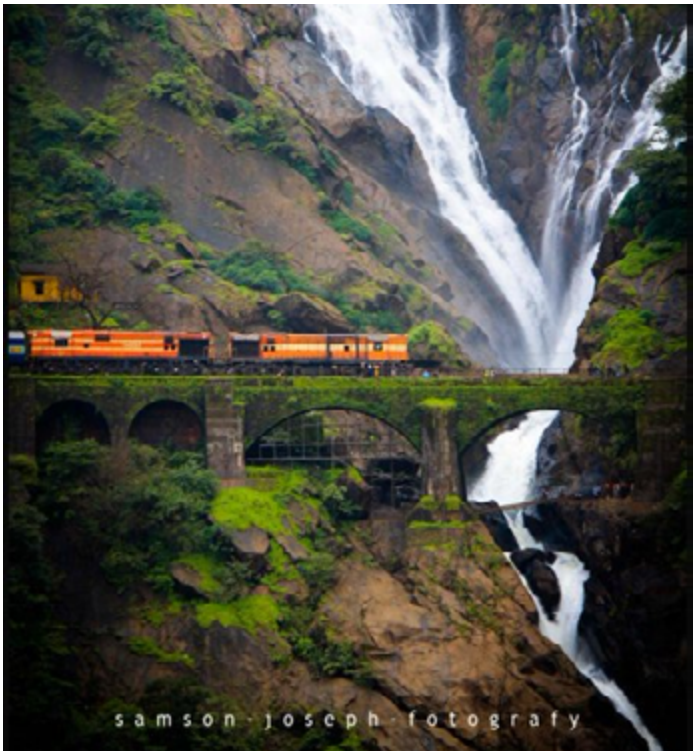


Figura 6. Alinha do CFM passando pela cascata de Dud Sagor (fonte: Samson Joseph Fotografy)

BIBLIOGRAFIA:

1. Pereira HS e Kerr IJ. Caminhos de ferro e desenvolvimento econômico na Índia e em Portugal: uma comparação entre as linhas de Mormugão e do Tua, c. 1880 - c. 1930 e adiante. Rev. Bras. Hist. vol.39 no.81 São Paulo May/Aug. 2019 Epub July 29, 2019. https://doi.org/10.1590/1806-93472019v39n81-10
2. Gracias JBA. Caminho de ferro e porto de Mormugão, Tipografia Rangel, 1940, p. 68-80, 120-207 e 252-311.
3. The Gazetteer of Bombay City and Island, vol. I (Bombay: The Times Press, 1909), p. 511.
4. Ethell BD. Portugal and Portuguese India 1870-1961. 2003. Dissertation (Ph.D. in History) - University of London. London, 2003.
5. Vigésimo-Sexto Relatório Anual da WIPGR, 27 de junho de 1907, p. 5.
6. Pereira A G. INDIA Portuguesa. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1954.
7. Revista Filatélica Portuguesa Phylatelic Magazine, Nº 107, 2002/06.
8. Gazeta dos Caminhos de Ferro; Revista Quinzenal nº 1760 de 16/04/1961.
9. Jornada Continua... Edição Imprensa nacional de Goa 1960.
10. Gazeta dos Caminhos de Ferro; Revista Quinzenal, Lisboa, 1960/ Diário do Governo, I Série, Número 46, 25 de Fevereiro de 1961.

Propércia Correia Afonso
(1882 - 1944)

por ***Francisco da Purificação Monteiro***

Sócio fundador da Casa de Goa.

Founder Member of Casa de Goa

Dados biográficos

Rita Angelina Propércia Correia Afonso de Figueiredo, filha de Roque Correia Afonso e de Claudina Álvares Pacheco, nasceu a 22 de Maio de 1882 em Benaulim, concelho de Salcete, distrito de Goa, antigo Estado da Índia. Fez os seus estudos primários na sua terra natal e depois o curso liceal. Já depois de viúva, matriculou-se na Escola Normal cujo curso concluiu com distinção.

Carreira docente

Exerceu o magistério primário em diversas localidades onde deixou bem vincada a sua vocação para o ensino, vindo mais tarde, devido aos seus elevados méritos, ocupar o lugar de professora da Escola Normal de Goa que exerceu com elevada proficiência. Substituiu por diversas vezes o Director da referida escola e também o Inspector de Ensino Primário. Foi Vogal do Conselho de Instrução e do antigo Conselho da Província.

Actividade literária

Ao longo de muitos anos foi assídua colaboradora de vários jornais. Escreveu sobre problemas que afligiam a sociedade goesa. Foi sócia efectiva do Instituto Vasco da Gama, tendo colaborado regularmente com artigos de grande interesse no boletim do instituto.

Era uma pessoa brilhante no campo do pensamento e tinha uma propensão inata para o campo literário que muito influenciou e incentivou as suas conterrâneas a saírem do marasmo e tomarem parte activa na vida cultural da nossa terra.

Autora de diversas obras, com destaque para "A Mulher na Índia Portuguesa", premiada com o 2º Prémio, da Segunda Categoria no Concurso de Literatura Colonial em 1932.

Uma publicação póstuma "Inéditos" constituída por três partes – "Um discurso presidencial", "Pergaminho da Mulher Indiana e "As Nossas Mestras de Outra Era."

Este livro foi publicado em 1945, na Tipografia Suxila, Margão.

"A Magia do Folclore na Vida da Criança Indo-Portuguesa", Parte I, O Cancioneiro das Mães, em 1941

"O Jogo, Escola da Vida", com prefácio da Srª D. Hedwig Bachmann em 1937.

"A Criança e a Língua": Problema Pedagógico do Ensino da Língua nas Escolas Primárias da Índia Portuguesa, 1936

"O Significado dos Símbolos: O Seu Valor Educativo", 1937

"A Mão: Mestre do Pensamento", 1939

Manuscrito "Os Mitos de Súria", não publicado pelo falecimento da escritora, que consta de cinco contos: "Os Axvins"; "A Mesa Armada"; "Uxhá Miryakonna" e "Kundyya Kuskhur."

Colaborou em diversos jornais com artigos sobre temas de actualidade na época, com destaque para:

"Rabindranath Tagore, O Educador" publicado no Boletim do Instituto Vasco da Gama, em 1942.

"Os papa-meninos na Índia Portuguesa" publicado no Boletim do Instituto Vasco da Gama, em 1942.

Foi uma conferencista muito enaltecida. Das suas magistrais conferências merecem especial destaque:

"O Milagre da Agulha" realizada no Salão Nobre dos Paços Municipais de Nova Goa em 1931.

"A Cruzada do Serviço Social", na Escola Médica de Goa em 1931.

"O Significado dos Símbolos e o seu Valor Educativo", proferida no Instituto Vasco da Gama em 1933."

"A Menina nas Escolas e na Sociedade - Normas Práticas", realizada na Semana Católica, na Igreja Matriz de Nova Goa em 1938.

Prémio

Em 1959 foi instituído na Escola Normal Luís de Camões um prémio denominado "**Prémio Propércia Correia Afonso de Figueiredo**" para homenagear esta distinta professora.

Bibliografia
Dicionário de Literatura Goesa, Aleixo Manuel Costa, Instituto Cultural de Macau, Fundação Oriente, 1997. www.ensino livre.pt Autores Portugueses que entraram em Domínio Público em 2015.
Goa Terra Indo-Portuguesa, Rodrigo Wolfango Robusto, Lisboa, 1953.
Portal – Memórias de África e do Oriente – Biblioteca Digital.

Prof. Doutor Teotónio Rosário De Souza:

Homenagem No 20.º Aniversário da Licenciatura em História

Professor Teotónio Rosário De Souza:

Tribute on the 20th Anniversary of Degree in History

por ***Valentino Viegas***

Editor Associado e Sócio Fundador da Casa de Goa

Associate Editor and Founder Member of Casa de Goa

Os professores e alunos da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, na comemoração do 20.º aniversário da Licenciatura em História, prestaram homenagem ao Historiador Prof. Doutor Teotónio Rosário de Souza, numa das salas daquela Universidade, no dia 26 de Outubro de 2019.

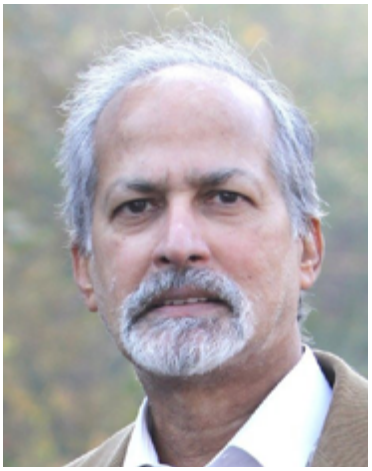
Como havia leccionado naquela instituição fui um dos convidados para dar o testemunho sobre aquele docente, nascido em Moirá, Goa, a 18 de Fevereiro de 1947 e falecido em Lisboa, a 20 de Fevereiro de 2019.

Na minha curta evocação, cumprimentei os presentes, em especial a Dr.ª Elvira, esposa do falecido, e agradeci aos organizadores o facto de se terem lembrado de mim e me convidarem para participar na mesa redonda.

Transcrevo, em seguido, a minha curta evocação:

«Se neste momento estou aqui sentado entre os meus distintos colegas, devo-o ao Prof. Teotónio de Souza, pois foi ele que me convidou a leccionar História Medieval na Universidade Lusófona.

Quero aproveitar este evento, comemorativo de 20.º aniversário do Curso de História e da merecida homenagem que hoje é prestada ao Prof. Teotónio de Souza, para lhe deixar aqui o meu público agradecimento.



Teotónio Rosário de Souza

(1947 - 2019)

Somos ambos originários de Goa, eu nascido em 1942 e ele em 1947, mas nunca ouvi falar dele nem nos vimos, enquanto jovens, na nossa terra natal.

Foi só em Portugal que nos cruzamos e nos conhecemos, trocando apenas palavras de circunstância, sem termos tido uma relação de proximidade.

Um belo dia recebi o seu fax pedindo-me urgentemente que escrevesse um artigo sobre Os

Goeses em Portugal para Goa Plus I, novo suplemento que iria sair no diário The Times of Índia.

Nessa altura andava extremamente ocupado por estar a ultimar a redacção de um livro. Por isso, a minha primeira reacção foi dizer não, mas quando recebo um chamamento sobre Goa não consigo deixar de colaborar.

O artigo então escrito faz parte do livro intitulado Raízes da Minha Terra, que é uma colectânea de textos seleccionados sobre Goa, Portugal, Angola e Moçambique, publicados em revistas, jornais e boletins.

Depois de lhe enviar o artigo, perdi o seu contacto, até que um belo dia me telefonou a convidar-me para leccionar, a tempo inteiro, na Universidade Lusófona.

Desta vez tive que recusar porque me sentia bem onde trabalhava.

Perante a minha recusa, pediu-me para dar aulas de História Medieval, a tempo parcial e eu aceitei.

A partir dessa altura tornámo-nos amigos. Respeitávamos mutuamente, mas nem sempre comungávamos das mesmas ideias.

Éramos cúmplices enquanto goeses, que amavam sobremaneira a sua terra natal, e também em determinadas análises críticas que fazíamos sobre o comportamento de Portugal, enquanto país colonizador, mas profundamente divergentes na caracterização dos acontecimentos ocorridos em 18 de Dezembro de 1961 no antigo Estado Português da Índia.

Se para o Teotónio havia sido libertação, para mim foi e é invasão.

Essa nossa atitude revela que não é necessário abraçar as mesmas ideias para duas pessoas se considerarem e serem amigas.

Quando me convidou para leccionar na Universidade Lusófona ele sabia quais eram as minhas ideias em relação àquele acontecimento e, no entanto, não deixou de tomar a citada iniciativa.

A tolerância entre as pessoas e o respeito pelas ideias de terceiros são factores essências para o bom funcionamento das instituições e Teotónio amava a Universidade Lusófona, não se importando de sacrificar-se por ela.

Ele sabia que só a cultura da liberdade do pensamento, que ele tanto defendia, lhe permitia aceitar que o mesmo documento, ou o mesmo facto histórico, fosse objecto de análises e de interpretações diferentes até por alunos da mesma turma. Essa forma de encarar a aprendizagem enriquece a História.

Tenho para mim que as pessoas não morrem enquanto pensarmos nelas ou deixam uma obra por explorar.

Teotónio vai estar sempre connosco, quando lermos os seus livros e artigos, reflectirmos nos seus ensinamentos, seguirmos as suas pistas, imaginarmos as suas feições e o trouxermos à nossa presença para dialogar e conviver connosco, assim como estamos a fazer neste momento.

Obrigado.»

Entrevista a **Dr. Carlos Monjardino**

Presidente do Conselho da Administração da Fundação Oriente

por *Óscar de Noronha*

INTERVIEW TO DR. CARLOS MONJARDINO

CHAIRMAN OF FUNDAÇÃO ORIENTE

Goa, 23 de fevereiro de 2020

Acessível no YouTube: https://www.youtube.com/watch?v=4HqO1k5iDX4

***ON** – Senhor doutor, muito boa tarde, e obrigado por nos receber! E desde já parabéns pelo jubileu da prata da Delegação da Fundação Oriente em Goa!*

CM – Boa tarde e muito obrigado! É sempre um prazer.

***ON** – Que balanço faz aos últimos 25 anos?*

CM – Os primeiros anos foram, não digo difíceis, mas demoraram algum tempo a passar. Tínhamos algumas limitações – não muitas, porque desde o início tivemos um grande suporte por parte de quem tinha que nos "fiscalizar": era o ICCR [Indian Council of Cultural Relations]. E logo a seguir quando eu fui ter com eles em Delhi, para lhes apresentar o primeiro projecto, o primeiro plano de actividades da Fundação aqui, que eu insisti que era para a Índia e não só para Goa, porque na altura, é bom saber, há 25 anos, as relações não eram as que são hoje. E, portanto, expliquei que estaríamos instalados em Goa, mas que a nossa acção ia para além de Goa também, como tinha que ser.

Nessa altura não tivemos quaisquer problemas. Analisaram o nosso plano de actividades. Houve uma única coisa que não quiseram que nós fizessemos, que foi ter uma livraria portuguesa em Goa. Não quiseram *(a rir)* mas isso também não teve problema nenhum, porque, passado muito pouco tempo, fizemos aqui uma feira de livros – foram duas, aliás, feitas por nosso comum amigo António Alçada Baptista, que gostava muito de Goa e que organizou muito bem essas duas feiras... foram um sucesso imenso.

Pronto, as coisas foram correndo. Fomos apoiando projectos aqui; fomos publicando algumas obras de escritores locais; também todos os anos vamos dando algumas bolsas de estudo; fomos apoiando o ensino de português que até hoje continuamos, e nós hoje temos 14 ou 15 professores de português que, de alguma maneira, têm um apoio nosso para ensinar português aqui...

E, portanto, fomos andando… Temos aquela célebre exposição que todos conhecem, do [António Xavier da] Trindade, lá na delegação da Fundação. É um pintor maior e, portanto, em qualquer sítio do mundo era conhecido como o Rembrandt daqui da zona...

***ON** - O Rembrandt do Oriente!*

CM – ... do Oriente, e fomos surpreendidos com uma doação daquelas obras, mas que aceitámos de imediato com algumas limitações que existiam na altura... Depois adquirimos mais algumas obras do mesmo artista, mas não muitas... Também não há muitas no mercado. E agora vamos fazer uma segunda edição do Xavier Trindade com muitas obras que não foram expostas antes e que serão expostas este ano, lá nas Fontaínhas, na nossa Delegação.

***ON** – Muito bem. Além disso, a Fundação Oriente fez trabalhos com os nossos edifícios – com o nosso património arquitectónico; e programas de música, como o Festival do Monte!*

CM – Sim, quanto à recuperação de edifícios de interesse histórico ou simplesmente arquitectónico aqui em Goa e à volta de Goa, nós, porque tínhamos a noção – o que é normal, enfim – que o que distingue Goa do resto da Índia é que tem uma componente cristã muito grande. E portanto tem as igrejas, tem as capelas e os cruzeiros por aí fora, e nós fomos ajudando nisso, mas depois também sentimos que não podíamos ficar só a apoiar essas iniciativas que nos propunham, e resolvemos ir mais longe do que isso: resolvemos apoiar também uma recuperação dum templo hindu, que para grande espanto de muitas pessoas... –mas estas coisas eu, às vezes, como se costuma dizer, tiro um coelho do chapéu... – e fizemos isso... Foi aceite pelas entidades que controlavam lá o templo hindu e recuperámos o templo hindu. Porque havia sempre umas vozes que diziam 'porque apoiar sempre as igrejas?'... Eu, claro que tanto apoio as igrejas como apoio os templos hindus. Mas é claro que aqui o que faz mais sentido é apoiar as igrejas porque há uma profusão de igrejas que precisam de ser recuperadas... Mas, pronto, vamos fazendo, temos uma visão muito aberta do que devemos fazer aqui...

***ON –** Aliás, até calha bem porque os templos hindus aqui* são muito diferentes dos templos do resto da Índia. Aqui têm uma característica indo-portuguesa mesmo!

CM – É! Portanto se alguém responsável por alguns templos hindus que tenham que ser recuperados, e que me vá ouvir, podem falar com a dr.ª Inês Figueira [Delegada em Goa], que nós teremos maior prazer em apoiar também a recuperação de templos hindus....

Mas depois também a outra parte que estava a dizer: os festivais de música. O festival da Senhora do Monte para nós tem um significado especial porque há dezoito anos que promovemos aquele festival. Primeiro, começámos por recuperar a Capela [do Monte], que foi um trabalho bastante pesado não só do ponto de vista arquitectónico de recuperação, mas também financeiro. Foi muito pesado. Mas, pronto, foi feito e agora é preciso voltar a fazer alguma manutenção porque com o clima que existe aqui às vezes as coisas vão-se deteriorando rapidamente... E agora há uma nova fase de manutenção e de recuperação duma parte que tem que ser feita também....

***ON –** Os objectivos da Funda*ção Oriente variam de país para país...

CM – Variam, consoante o que é a realidade em cada país...

***ON –** O que é que a Fundação gostaria de fazer, mas ainda não conseguiu fazer na Índia?*

CM – Há certamente muitas coisas que a gente gostaria de fazer, mas nós temos cingido àquilo que é possível fazer com os meios que temos – porque os nossos meios também não são ilimitados – e passámos a mensagem de que a Fundação Oriente, que foi criada aqui um pouco por iniciativa do dr. Mário Soares... Quando eu fui para presidente da Fundação – foi ele que me convidou, de resto – me chamou à atenção para uma fundação que eu tinha criado, assim, no papel, antes, em Macau, e depois eu fui para Portugal... Ele chamou-me para eu de facto dar vida à Fundação, coisa que eu fiz... Passado muito pouco tempo, ele telefonou-me e diz-me assim: 'Ouça lá, você não quer fazer qualquer coisa na Índia? Nós precisamos de reforçar os laços com a Índia; as relações ainda estão um bocadinho tremidas. Talvez fosse bom ter qualquer coisa...' 'Claro que estamos, e o natural seria Goa'. E ele diz-me assim: 'Com certeza. Você vá lá e veja se consegue então uma coisa que era muito importante para Portugal e para a Índia, que houvesse uma instituição que fizesse essa ligação, ou que ajudasse a fazer essa ligação.'

E então eu cá vim, como pessoa bem-comportada – que não sou – mas naquela altura fui – vim cá a mando do dr. Soares, para criar a Delegação cá. E ele tinha a noção de que era necessário naquela altura fazer mais qualquer coisa porque aqui – vocês aqui se calhar não se lembram... vocês são todos muito novos, você incluindo é muito novo – vocês não se lembram que há 25 anos não havia nada de português em Goa...

ON – *Sim, a gente aqui em Goa perdeu uma geração... completamente... houve um hiato, mas graças a ...*

CM – Pronto, mas não havia nada, não havia Consulado, não havia nada. Não havia o Instituto Camões, não havia nada. Por isso é que a gente assumiu o ensino do português também... Bom, e o Consulado, nem pensar nisso!... Bom. E, portanto, estávamos aqui um bocado sozinhos. Não temos funções consulares, portanto não podíamos substituir-nos ao Consulado, mas iamos fazer aquilo que achámos que podíamos fazer, com grande ajuda do Governo, de então, de Goa... Eram pessoas muito compreensivas, e que entenderam bem aquela ideia que o dr. Soares tinha na cabeça, que era preciso fazer qualquer coisa aqui, na Índia e a partir de Goa.

ON – *Mas ainda falta algum passo a tomar? O senhor doutor acha que o Governo da Índia ou o de Goa deve tomar um passo que ajude depois a Fundação a actuar melhor?*

CM – Eu acho é que poderia haver... Eu gostaria – *gostaria*, mas este é um desejo e isto tem outras limitações – eu gostaria que o Governo local estivesse mais próximo daquilo que nós fazemos, mas não está muito... Digo a si, em abono da verdade, não está muito... Houve uma altura, há uns anos atrás, que esteve, razoavelmente próximo.... Agora não vou por aqui dizer nomes porque se não arranjo por aqui um sarilho de todo o tamanho, porque já não são os mesmos partidos... arranjo por aqui uma trapalhada, portanto o melhor é não dar nomes... Mas houve uma altura em que estavam muito próximos daquilo que nós fazíamos. E portanto, gostaria que fizessem mais; que o responsável da Cultura aqui tivesse um melhor interesse naquilo que nós fazemos. E em Delhi também, mas em Delhi eu acho que, apesar de tudo, – é longe – mas apesar de tudo, quando se vai lá eles mostram interesse naquilo que nós fazemos na Índia em geral e em Goa em particular...

ON – *Os anos 97 e 99 devem ter sido marcos importantes para a Fundação...*

CM – 97, não tanto, 99, sim. Em 97, para a Fundação teve um pouco foi o problema da China e o Hong Kong. A questão de Hong Kong não foi dar em nada. O ano de 99 foi mais importante por causa da saída da administração portuguesa de Macau. Isso foi muito importante.

ON – *Mas eu falava dos fundos dos casinos, que cessaram...*

CM – Não, já antes não havia nada. Eu já tinha tido uma pega com os chineses – que é o meu costumo arranjar assim umas pegas de vez em quando!... *(a rir)* Não, porque os chineses não levaram a bem que a Fundação tivesse sede em Lisboa e não em Macau. Portanto criou-se ali um mal-estar, e esse mal-estar levou a que eu tivesse que ceder – o que é difícil, porque normalmente eu não cedo com muita facilidade! Em 1997, com efeitos retroactivos em 96, deixámos de receber dinheiro local... E era muito dinheiro que recebíamos de Macau.

ON – *Exacto! No entanto, a Fundação soube gerir as coisas: investiu noutros lugares, etc...*

CM – A Fundação soube investir e tinha guardado uma almofada grande em termos de liquidez, não gastando tudo aquilo que tinha recebido do passado e pondo de parte... Eu não adivinhava o que ia acontecer, mas felizmente pus de parte uma parte substancial daquilo que tínhamos recebido no passado – coisa que as pessoas me acusavam muito, dizendo: 'Recebe tanto dinheiro e gasta tão pouco!' E eu disse: 'Olhe, é para outros dias.' Olhe, eles vieram – os dias mais complicados vieram depois. Mas tivemos muita sorte e algum saber... Já não gosto de dizer isso porque quem faz os investimentos sou eu...

Fizemos dois ou três muito bons investimentos que criaram mais valias importantíssimas para a Fundação... Para lhe dar uma idéia – esta é uma

área de que as pessoas acham graça, mas que é um bocado árida – nós hoje temos em termos de activos praticamente a mesma coisa do que tínhamos quando começámos a Fundação. E já gastámos para cima de uma fortuna nestes 25 anos, porque ao princípio gastámos muito dinheiro na China, muito mais, se calhar, do que devíamos ter gasto, mas nós tínhamos que afirmar uma posição na China, portanto fizemos um esforço grande em relação a subsídios para a China e, depois, em Macau, e só um bocado depois é que nos virámos para Portugal. E só começámos a trabalhar mais a sério com Portugal já passados alguns anos porque era a altura, fizemos o Museu [do Oriente], que também foi um investimento particularmente grande e onde temos peças indianas muito bonitas ...

ON – *A "almofada" de que o senhor doutor falava ajudou a absorver todos os choques dessas bruscas mudanças económicas que houve na Europa...*

CM – Exactamente, exactamente!

ON – *Apesar de todos os problemas, conseguiu abrir um Museu de que agora falou e que, se calhar, é o maior projecto da Fundação até hoje...*

CM – Sim, é o maior projecto da Fundação até hoje. As pessoas gostam muito do Museu. É de facto um museu muito activo, interactivo mesmo. Em Portugal é de longe o museu com mais actividades, para miúdos, para crianças e para jovens. E tem várias componentes: tem yoga... tem tudo! É, portanto, um museu curioso, muito diferente dos outros museus que há por lá. Mas foi de facto um projecto maior que, financeiramente mais pesado... mas está lá... É aquilo, e pronto, nós, a Administração, temos agora encostado ao Museu um edifício que é o nosso edifício da Administração, que do edifício que estava no meio da cidade passou para ali... e agora estamos todos juntos. É um projecto que hoje é um todo que faz sentido...

ON – *O senhor doutor passou do sector governamental para o sector privado...*

CM – Não, passei do sector privado muito brevemente para o sector governamental, como você diz, e depois rapidamente também saí outra vez e voltei. Não é que tenha algo contra o público, não tenho; antes pelo contrário, mas a vida é assim. Tive aquela oportunidade que me foi dada pelo dr. Soares para ir para Macau, e estive em Macau 14 meses, não estive mais, e voltei outra vez para o privado...

ON – *E o que significa para o doutor, pessoalmente, o ter estado à testa da Fundação Oriente há 32 anos?*

CM – 32 anos: o que é que significa? Significa que estou velho! *(a rir)* Não, significa que apesar de tudo é interessante – eu não escondo – acompanhar um projecto que eu próprio criei. Isso é interessante para mim ver a evolução da Fundação com uma forma sólida: é isso, e de outra forma não poderia ser, porque eu sou conhecido – e pergunte ali à dr.ª Inês, ela dirá a mesma coisa – eu sou muito agarrado ao dinheiro, de maneira que estou sempre a fazer poupanças em tudo...

ON – *E faz bem, porque o senhor doutor disse uma vez que sem dinheiro não se faz nada... não se faz cultura!...*

CM – Pois não! Não se faz cultura, não se faz nada! Às vezes as pessoas da Cultura não funcionam bem assim. Acham que o dinheiro tem que aparecer de algum lado, mas não querem saber de onde. Lançam-se e dizem: 'Ah, agora o dinheiro há-de aparecer.' Mas não é assim; não é assim, e de facto, sem dinheiro não se faz rigorosamente nada! Por isso é preciso, antes de mais nada, meter uma gestão sã nos activos deste tipo de instituições como doutros, e é preciso fazê-lo...

ON – *Temos que agradecer ao senhor doutor por todo o trabalho que a Fundação tem feito aqui por Goa. E queria saber quais os seus sonhos para o próximo futuro...*

CM – Os meus sonhos?! Eu já estou velho para ter muitos sonhos! Vou tendo alguns, apesar de tudo! Bom, aqui em Goa? Eu nunca pus de parte completamente a hipótese, noutro campo que não cultural, de investir em Goa. Houve uma altura em que ainda pensei em investir na hotelaria porque a Fundação tinha várias participações na hotelaria, e ainda tem. Tem em Timor um hotel, em Lisboa neste momento só tem um. Mas na área grande de Lisboa, tem um. E pensei depois: é muito longe! E para gerir as coisas assim, à distância, é complicado, portanto esse projecto não avançou. Mas se aparecer um outro projecto qualquer, não digo

que não a estudar um eventual investimento aqui em Goa.

ON – *Entretanto continuam com as coisas que já começaram... A Delegação aqui está a fazer um belíssimo papel...*

CM – Espero que considerem que sim!

ON – *Sim! Sim, sim!*

CM – Se não temos que agarrar aí a dr.ª Inês! *(a rir)*

ON – *Então, senhor doutor, com isto agradecemos muito esta conversa e desejamos muitos anos de vida para o senhor doutor – que continue com os sonhos – e todo o sucesso para a Delegação da Fundação Oriente em Goa!*

CM – Muito obrigado, muito obrigado!

ON – *Muito obrigado sou eu.*

Esta entrevista foi realizada e apresentada por Óscar de Noronha na rubrica radiofónica mensal RENASCENÇA GOA. É a única expressa em português no território de Goa e produzida pelo Centro de Artes Indo-Portuguesas (CIPA), de Pangim.

O programa vai para o ar no último domingo do mês, às 14:30 (da Índia), sendo acessível pelo aplicativo: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.parsarbharti.airnews

Os episódios estão acessíveis no YouTube.

Na Foz do Sandalcalo, uma história de amor

At The Mouth Of The Sandalcalo River, A Story Of Love

por ***Óscar Gomes da Silva***

Coronel do Exército (ref.)

Army Colonel (rtd)

Resumo

Neste conto o autor, juntando traços de ficção com acontecimentos da vida real no território de Damão, então colónia portuguesa, descreve a experiência de dois jovens alferes do Exercito Português, o Pedro goês e o Alberto albicastrense, em missão naquela parcela do Império.

As famílias Rodrigues e Costa Campos já se conheciam do tempo em que viveram no enclave português de Nagar Aveli.

Dá-se, agora, o encontro do filho Pedro, vindo da Metrópole, com a família Rodrigues e, em particular, o desabrochar do amor entre ele e a morena Beatriz.

O Pedro enamorou-se da Beatriz, mas o Destino separou-os quando o jovem oficial foi transferido para Goa.

O amor, com seus encantos e desencantos, queimado o que tem de melhor, converte-se em fumo, a chama apaga-se.

Abstract

In this short story the author, mixing some fiction traces with other real life events in the territory of Daman, then a Portuguese colony, describes the experiences of two young Portuguese Army lieutenants fulfilling their mission in that parcel of the Empire.

The families Rodrigues and Costa Campos had already met a couple of years before in the Nagar Aveli enclave.

Now, what happens is that the son Pedro, coming from Portugal, meets the Rodrigues family and, specially, Beatriz, the young and beautiful native.

Pedro fell in love with Beatriz, but Destiny kept the couple far away as he moved to Goa.

Love, its mysteries, burnt what it has the best, converts into smoke, the flame of love blows out.

A fragata sulcava o Mar Arábico a baixa velocidade, cerca de 8 nós. Estava-se em Outubro, a monção alcançara o seu termo. A bordo seguia um reduzido contingente militar, uns oitenta homens, sob o comando do Capitão Gustavo. Comandava o navio de guerra o Capitão de Fragata José Henriques.

- São seis da manhã, mais uma hora navegando e chegaremos a Damão. Temos que nos preparar para o desembarque – disse o alferes Pedro Costa Campos ao seu camarada alferes Alberto Sousa.

- O navio irá fundear ao largo e como o território não dispõe de um porto adequado, o desembarque far-se-á em batelões. Mãos à obra! - acrescentou o alferes

Alberto.

Os dois alferes, um goês e outro albicastrense, companheiros do mesmo curso de Infantaria da Escola do Exército, e oficiais do Quadro Permanente, tinham sido nomeados para uma comissão de serviço por imposição no Estado Português da Índia.

- Ó Alberto, vê lá, fui convocado para fazer parte da equipe de basquetebol do Exército que, esta noite, defronta a da Polícia. Aceitei, começo desde logo a integrar-me no ambiente local para além do prazer que o basquetebol me dá – falou o Pedro.

- Pedro, irei assistir e quero que o Exército saia vitorioso – respondeu Alberto.

Cerca do meio dia, a tropa já havia ocupado as instalações a ela destinadas e iniciou-se a reorganização para cumprimento da missão que lhe fora atribuída pelo Comando superior.

A contenda esteve animada, o Exército saiu vencedor. O jogo, bem disputado, teve a presença de muitos damanenses.

No dia seguinte, o Capitão Gustavo e os oficiais subalternos, de uniforme branco, deslocaram-se ao Gabinete do Governador do Distrito, Major Carlos Pires para apresentação de cumprimentos.

Recebidos pelo Secretário, Aniceto Rodrigues, este acompanhou-os ao Gabinete do Governador. Feitas as apresentações e, após breve conversa, os oficiais regressaram aos seus locais de trabalho.

- Bom dia, Sr. Aniceto, agradeço o seu convite – cumprimentou o alferes Pedro. – Os meus pais mandam um abraço para o senhor e sua família e recordam com saudade o tempo em que conviveram convosco em Silvassá de Nagar Aveli.

- Foi para mim e minha família uma enorme satisfação conhecer os seus pais, D. Laura e Sr. Raul, e consolidar a nossa amizade. E temos uma grande alegria em receber na nossa modesta casa o seu filho, na tarde de hoje.

Minutos antes das 17 horas, o alferes Pedro fez o percurso a pé até à morada dos Rodrigues, a uns 800 metros do seu alojamento. O ar estava morno, a humidade sentia-se na pele.

O primeiro andar estava bem situado em Damão Pequeno, na rua principal que partia do cais no rio Sandalcalo ou Daman Ganga, a sul, para o mercado e a horta do Manekji, a norte. A sala de estar era espaçosa, o mobiliário simples, mas confortável.

O casal anfitrião, Inês e Aniceto, recebeu o jovem oficial com simpatia e recordaram o tempo em que conviveram com os Costa Campos, os Pinhos e os Alves em Silvassá, Nagar Aveli. Pouco depois, as duas filhas Beatriz e Diana, de 18 e 16 anos, vieram cumprimentar o alferes, denotando alguma timidez. As duas lindas morenas, de olhos castanhos, não escaparam à discreta e atenta observação do convidado.

Foi servido um chai, bhaji puri, salgadinhos cheugantiá e deliciosos halwas. Os olhares do alferes e da Beatriz cruzaram-se por segundos…o oficial lembrou-se da quadra

Morena, morena,

Dos olhos rasgados,

Teus olhos morena

São os meus pecados...

A visita foi muito agradável, chegou a hora de agradecer a gentileza do convite e de regressar à residência que fora destinada aos dois camaradas e amigos, Pedro e Alberto, uma espaçosa moradia alugada pelo governo ao senhorio parsi.

A noite do alferes Pedro foi agitada, não conseguia conciliar o sono, a imagem da Beatriz não o deixava adormecer.

No dia seguinte, levantou-se eram sete horas, abriu a janela do seu quarto que dava para a estreita rua que se dirigia para a pequena igreja do Forte de S. Jerónimo e, surpresa das surpresas, o que viu? A Beatriz! Os olhares cruzaram-se …um frémito atingiu Pedro. Trocaram um leve cumprimento. A jovem morena regressava a casa, terminada a missa matinal.

Nessa manhã, diversas tarefas esperavam a acção do alferes Pedro, tais como a formatura do seu pelotão, a conferência e manutenção do armamento, a revista ao alojamento dos praças e o controlo da limpeza do

aquartelamento.

Na tarde desse dia, realizou uma patrulha de reconhecimento da área do aeroporto, continuou até ao posto de Varacunda e regressou ao aquartelamento.

Os dias passaram-se céleres, Pedro sentia-se bem entre os damanenses, gente pacífica e hospitaleira.

O tempo acaba o ano, o mês e a hora…

…O tempo, o mesmo tempo de si chora.

Os encontros entre os dois jovens sucederam-se, umas vezes em casa dos Rodrigues, outras próximo da foz do rio que separa o distrito em dois.

Subiu de tom o enamoramento… mas não quis o destino…

Passados alguns meses, o alferes Pedro foi transferido para uma Unidade do Exército em Goa.

Beatriz e Pedro seguiram os seus próprios caminhos…só permaneceu a saudade.

Na foz do Sandalcalo, com o andar do tempo, aquela chama, o Amor, esfumou-se.

"Tanto ele queima! E, por desgraça
Queimado o que melhor houver,
O fumo vem, a chama passa"
Manuel Bandeira

Nota biográfica sobre o Autor

Óscar Gomes da Silva nasceu em Goa, então Estado Português da Índia. É Coronel do Exército na Reforma. Tem os cursos de Infantaria da Escola do Exército, os cursos de Estado Maior e o curso superior de Comando e Direcção do Instituto de Altos Estudos Militares. Recebeu o Prémio Jornal do Exercito 1988 pelo seu ensaio "A Acção do Homem e o Ambiente Geográfico". É autor de Algumas Reflexões sobre a Instituição Militar e as Relações Internacionais, Lisboa 1989; de Civilizações e Especiarias, Editorial Estampa, Lisboa, Janeiro 2003; de Olhares Amendoados, Chiado Editora, Dezembro 2016; de No Misterioso Oceano da Vida, DG Edições, Abril 2018; de Paz, Guerra e Forças Armadas, DG Edições Janeiro 2019; Da Minha Janela Contemplo o Mundo, DG Edições, Abril 2019 e de O Mundo da Índia, A Índia no Mundo, DG Edições, Abril 2020.

Uma dor de alma

*A pain in the soul**

por ***Valentino Viegas***

Editor Associado e Sócio Fundador da Casa de Goa

Associate Editor and Founder Member of Casa de Goa

Ao acabar de ver as imagens da parte do tecto da Basílica de Bom Jesus, sem telhas, senti um baque que abalou as profundezas da minha alma.

De Lisboa, continuo a ter saudades das monções por fazerem renascer a vida, mas após observar aquelas imagens chocantes fiquei apavorado só de pensar que o tecto podia desabar por causa das chuvas.

Pode haver quem esteja preocupado com o assunto por ser um majestoso monumento religioso, fazer parte do património mundial ou ser uma grande fonte de receita turística mas, para mim, a questão principal não é essa. O essencial é ainda podermos evitar uma morte anunciada.

O ser humano vive agarrado às suas memórias. O passado alimenta o presente e dá alento para o futuro.

Se sorrimos e revigoramos todos os dias, quando algo de maravilhoso nos acontece, também morremos aos poucos quando uma desgraça nos bate à porta.

Cada localidade, cada cidade, cada Estado, cada País, a humanidade inteira tem marcas de sua identidade que, por fazerem parte da memória colectiva, somos obrigados a preservar, sob pena de podermos ser acusados de destruidores dos alicerces da vida.

A Basílica de Bom Jesus é um corpo vivo, com centenas de anos de História, que não só povoa as minhas memórias como a de milhares de seres humanos, independentemente do local do seu nascimento, da nacionalidade a que pertencem ou da religião que professam.

Qualquer negligência relativa à sua preservação é uma agressão a todos os amantes daquele monumento, que é de todos e não pertence a ninguém.

Basílica de Bom Jesus na Velha Cidade

Enquanto puder respirar, agarro-me à vida. Se algum mal acontecer à Basílica de Bom Jesus, a minha existência, tal como a de milhares de pessoas, viverá em sofrimento, porque parte de nós morrerá com a Basílica.

---

*Publicado em inglês em O Heraldo, 29 Apr, 2020, pp. 4

«Raízes da minha terra» do Prof. Valentino Viegas

«Raízes da minha terra» by Prof. Valentino Viegas

por ***Mário Viegas***

Foi diretor, cofundador e/ou redator das revistas | *Past director, co-founder, and/or editor of magazines:*

Elo (Lourenço Marques), Voz da Zambézia (Quelimane), and Ecos do Oriente (Lisboa)

Título com reminiscências "Garrettianas", esta obra de Valentino Viegas é também uma viagem fragmentada por cerca de sessenta temas que afloram diversos quadrantes, entre crónicas, ensaios, reportagens, História… "Raízes" de uma árvore em que cada folha contém momentos íntimos plantados em terreno fértil, recheado de deliciosas, factuais e mordazes histórias que se espraiam ao longo de 373 páginas. A segmentação desta obra não implica espartilhamento, flui equilibradamente revelando coesão, num edifício multiforme, mas estruturalmente ligado. Visões pessoais sem cair na abstração, alicerçadas em factos que conferem rigor à obra sem sectarismos. Vemos o homem sem abandonar os acontecimentos, o seu humanismo sem desprezar a análise arguta. O Prof. Valentino Viegas, um incansável memorialista, ao falar-nos de Goa, sua terra natal, de Portugal, Angola por onde passou em serviço militar ou Moçambique fala-nos também do mundo e do Homem nas suas vicissitudes, da sua história, mas também, num ato ecuménico, na gesta de muitas outras personalidades fulcrais da história de Goa e de Portugal, com muitas das quais conviveu diretamente.

Vivências em múltiplos cenários, de episódios ocorridos no seu quotidiano, a lembrar-nos o homem multifacetado, atento ao contexto da sua época sem nunca perder de vista a sua paixão, a História. Retratos de figuras que contribuem ou contribuíram para o bem-estar da nossa sociedade como Vimala Devi, Adeodato Barreto, António Costa.

Embora Valentino Viegas tenha abandonado Goa em 1962, o encanto telúrico fez com que a ela regressasse com regularidade. Aquele é o chão de onde retira inspiração para a sua escrita e é nele que observa a incoerência de um regime em agonia denominado ironicamente de Estado Novo. Desse rol de fecunda informação, publicada em diversos órgãos de comunicação social, recolhidos e compilados neste livro, destaco as análises minuciosas e pontuais das atuações do advogado Anastácio Bruto da Costa – contra o famigerado «Acto Colonial» de Salazar (pág. 341). O autor de «Raízes da minha terra» referiu-se igualmente ao famoso Mons. Sebastião Francisco Xavier dos Remédios Monteiro, «padre Chico» (pág. 317).

Memórias do que foi Goa nos vinte anos da vivência do autor de «Os Filhos da Sombra» na sua terra natal e mais projeções, não esquecendo alguns episódios da História de Portugal, a «sua» Casa – a Casa de Goa - e a sua juventude, a língua portuguesa e a situação dos goeses no Mundo. Um valioso contributo para a História de Goa para refletir, desfrutar, sonhar.